

UMA GUERRA DO

João M. C.

Rafael G. F.

AMANHÃ

Uma guerra do amanhã

Sumário

Parte 1: O engenheiro e o Soldado	8
1 Victor (I).....	9
2 Álvares (I).....	12
3 Mumppe (I).....	15
4 John (I)	18
5 Victor (II).....	19
6 Álvares (II).....	21
7 Maya (I)	25
8 Sophie (I)	29
9 Victor (III).....	31
10 Álvares (III).....	34
11 Jonatan (II).....	39
12 Idris (I)	41
13 Alvares (IV)	44
14 Victor (V)	48
15 Guth.....	55
16 Maya (II)	56
17 Álvares (V)	64
18 Álvares (VI)	70
19 GUTH	77
20 Idris (II)	78
21 Victor (I).....	80
22 Álvares	81
Apêndices	83
Linha do tempo:	84
A Crise Econômica:	84
Cúpula de Lisboa:	86
Novos Líderes Mundiais:	88
Blocos Econômicos:	91
Hodj Daff	93
Casa Maior Nórdica	95
Ciência:	97
Mapas, Geografia e Geopolítica:.....	98
Todas as casas:	98

Mapa Esquemático: Casas Vassalas	102
Mapa Esquemático: Relações de Amizade:	103
Mapa Esquemático: Relações Inimigas	104

Introdução

Ambientado em um mundo onde países foram substituídos por casas nobres. O livro segue Victor, um cientista atormentado por sua própria invenção e Álvares, um militar de elite que sai a procura de Victor para decifrar uma mensagem da Casa América que está isolada a mais de 5 anos.

Sobre os Autores

Rafael Guth Franco:

João Miranda de Camargo:

Nascido em 2011, [continuação]

“Dedicado a todos que morrerão nessa guerra.”

Parte 1: O engenheiro e o Soldado

1 Victor (I)

"Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: tempo de amar e tempo de odiar; tempo de guerra e tempo de paz."

- Eclesiastes 3:1, 8

- "Mais 21 mortos hoje com esse novo ataque, é muito triste que isso tenha acontecido novamente pela décima segunda vez. As autoridades ainda não acharam os envolvi..." "

O rádio chiava, Victor o desligou, ele não gostaria de ouvir mais. Esses ataques terroristas estavam acontecendo com cada vez mais frequência. "De novo..." Ele pensou, lembrou de sua invenção, ele não gostava de se lembrar dela. Mas uma coisa específica o incomodava, o número 21. "Sempre 21" ele repensou como fazia sempre.

O rádio estava sintonizado em AM, uma linha pirata de uma rádio de notícia de muito longe, onde já morou um dia. São Paulo, lembrava dessa cidade, morou lá por 16 anos. Aquela grande cidade, ele já a amou, porém, não ia lá desde essa época.

Estava em sua mesa, talvez pensando em projetar algo para a guerra, ganhava por royalties de contratos antigos, ele não precisava mais projetar. Porém ele sabia que só projetando ele conseguiria não enlouquecer completamente. Desde pequenas pistolas a explosivos de médios portes, ele já havia projetado de tudo. Mas uma invenção específica o incomodava, "Não, não" Ele pensou, não podia pensar mais nela.

Começou traçando uma linha, e outra, e mais outra. Apagou. Agora começou com um compasso, traçou uma circunferência, uma linha, mais uma. Pegou a calculadora, " $E = (P + T)^{\frac{1}{2}} \cdot (\Delta m \cdot c^2)$ " ele pensou, essa fórmula o perseguia. Apagou. "Não, não consigo." Se levantou, andou até a janela. "Uma bela paisagem" disse para si, mesmo sabendo que via isso todo dia. Pela janela ele via um grande deserto, e lá no fundo, via uma montanha nevada. "Uma mistura peculiar de paisagens" pensou, mas ele gostava, gostava muito. Morava em "Lugar nenhum" como gostava de pensar.

Se sentou. " $E = (P + T)^{\frac{1}{2}} \cdot (\Delta m \cdot c^2)$ ", não conseguia tirar isso da cabeça. Arranhou a mesa. Aquilo não estava mais no controle dele, ele sabia.

Abriu a gaveta, centenas de rascunhos incompletos, “Porque segui por esse caminho?” Se perguntou, “Porque guerra?” mais uma pergunta, dessa vez em voz alta, como se alguém fosse ouvir.

“Não, não” disse, não podia estar fora de seu controle. Ele sabia que se fizessem da maneira certa, poderia destruir um país inteiro, não, uma Casa Maior inteira. “Se, eles, esquentarem...”. Não conseguia evitar esse pensamento. Ele não gostava das casas nobres, preferia como era quando ele era criança, países. “Quais eram mesmo os países da América?” tentou se lembrar da sua época de escola, dos Estados Unidos se lembrava bem, aquela grande potência mundial, agora ruída pela ditadura de Adnold Mumppe. Se lembrava bem também do Brasil, sua primeira casa, antes de Lugar Nenhum. Onde ficava mesmo Lugar Nenhum? Ele talvez já houvesse se convencido de que era realmente em lugar nenhum. Se lembrou, Casa Menor Andes, o primeiro nome que veio a sua cabeça. tentou se lembrar que país isso já foi, Chile? Talvez esse fosse o nome. Agora havia se lembrado, Lugar nenhum ficava no Chile, mais especificamente, Atacama. Esse ainda era o nome, Atacama, “Pelo menos não mudaram o nome até disso” pensou.

O mundo agora estava dividido. Casas Nobres dominavam tudo agora. Brasil, Argentina, Paraguai, Colômbia, Venezuela e as duas Guianas formavam a Casa Maior Amazonia. Chile, Uruguai, Bolívia, Peru e Equador formavam A Casa Menor Andes. Os Estados Unidos formavam uma casa só deles, A Casa Maior América. Ele não gostava do nome América para uma casa, ele pensava que um país não podia tomar para si um nome de um continente com diversos outros países.

Lembrou de quando era muito bom em códigos. Já havia ganhado prêmios até demais nessa área. “Códigos” pensou. “21”, o único código que ainda não havia descoberto. “Porque sempre 21?” voltou a pensar. Havia um padrão em todo o ataque: 21 mortos, 21 minutos entre cada etapa do ataque cada uma com 7 vítimas. Todas as vítimas sempre tinham no bolso esquerdo, 21 de algum objeto específico, seja o que for.

Lembrou da sua época de faculdade, havia tentado estudar cosmologia, mas especificamente o tempo. Tempo. que conceito estranho. Ali, no Atacama, o tempo passava diferente, lembrou-se da época que encarava lousas cheias de equações, passava noites a claro tentando resolvê-las. Mas aí a guerra começou, e ele pensou que seria bem mais lucrativo se fosse para essa área, “Que ideia terrível” pensou. Não conseguia evitar pensar naquela invenção, uma pequena equação que formou o aquele conceito, aquele pequeno e lucrativo conceito. “Droga!”, já estava fora de seu controle, talvez nunca esteve.

Se lembrou da época que tentava unificar a quântica com relatividade. “Que ingenuidade” pensou, sabia que aquilo era impossível, pelo menos para ele. Tempo. era essa a chave, pelo menos ele achava que essa era a chave. “Se pelo menos eu tivesse continuado”. Tempo. sempre faltou tempo, mas agora tempo era o que não faltava. Foi até seu quadro branco. Apagou. Tentou começar escrevendo uma equação, mas a única coisa que conseguiu escrever foi $E = (P + T)^{\frac{1}{2}} \cdot (\Delta m \cdot c^2)$. Apagou. “Não” por que sempre que tentava fazer algo de produtivo ela o perseguia? “Não, não”.

Quântica, o tempo era diferente lá. Tempo era fascinante. Como havia tempo disponível agora. Tempo de sobra. Mas tempo para quê?

Ele deveria estar feliz. O mundo havia lhe dado tempo, e ele passou a vida acreditando que era a chave de tudo. Mas agora que tinha todo o tempo do mundo, só conseguia usá-lo para reviver os mesmos erros, reescrever a mesma equação, apagar a mesma linha do quadro branco. Ele pensou que tempo traria respostas. Mas tudo que tempo trouxe foi repetição.

"Insanidade é fazer a mesma coisa repetidamente esperando resultados diferentes."

Ele fechou os olhos. Talvez fosse isso que estivesse acontecendo com ele. "Não, não. Não estou ficando insano" tentou se convencer. "Não, não".

2 Álvares (I)

"E ouvireis falar de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares."

-Mateus 24:6-7

"Acordem!" Uma voz gritou, "hoje é o dia!". "E hoje era o dia mesmo" Álvares pensou, hoje a tropa elite portuguesa irá ajudar o brasil com essa incrível força militar, ajudando o Brasil a se proteger dos Estados Unidos e dos ataques terroristas. Victor, esse nome lhe veio na cabeça, seu amigo de infância. "será que ele está bem?", ele não o via a tanto tempo.

Álvares se levantou, para se preparar para aquela viagem "ele não gostava de esperar". Pegou sua roupa e se trocou em seguida colocou seu colete, "Onde estava mesmo seu macacão de camuflagem?", pensou. "A é. estava em sua caixa de pertences pessoais, o exército não lhe dava o luxo de um guarda-roupa". Depois, colocou seu capacete blindado fabricado pela França. Ligou o rádio para ouvir as notícias semanais. "Hoje completa 5 anos desde que a Casa Maior Americana se fechou para o mundo sem dar notícias, mas hoje achamos uma mensagem codificada, que eles nos enviaram, mas não conseguimos descriptografar. Última informação! Acabamos de saber que um avião de transporte da Espanha acaba de ser abatido pelo grupo terrorista [nome] que domina o mundo a mais de 2 anos"

Álvares desligou o rádio, ele estava curioso para saber o que os Estados Unidos queriam falar. "É impressionante, cinco anos! Cinco anos! sem falarem com ninguém o que eles estão querendo esconder?" "Antes de conseguir pensar melhor no assunto, seu comandante o chamou pois estava atrasado para a última reunião antes de embarcarem. Quando ele chegou, avistou os comandantes, tenentes, capitães e impressionantemente até o presidente.

-Como vocês já sabem – O General falou.

-Hoje recebemos uma mensagem criptografada vindo da casa américa, não temos especialistas que consigam ajudar neste caso.

Alvares lembrou-se novamente do Victor "Ele era muito bom em códigos" Se levantou e disse:

-Eu sei quem nos ajudaria nesse caso.

-Prossiga - o presidente falou.

-Meu amigo saberia como resolver esse código. Mas, não o vejo a muito tempo, e nem me lembro onde ele está agora.

-Dê um jeito de localizá-lo.

Alvares saiu da reunião para pensar um pouco. “Quanto tempo, quanto tempo mesmo faz que eu não o vejo?, a última vez que o vi talvez tenha sido quando fui convocado para o treinamento de elite, que acabei sendo transferido para a antiga Portugal. Lembro que ele amava ouvir rock no rádio. E se... eu tentasse localizar uma retransmissão da rádio em AM com um retransmissor pirata em algum local distante da fonte original? Talvez possa dar certo! Ele certamente vai retransmitir essa rádio.”

Alvares voltou correndo para a reunião e disse:

-Eu sei como localizá-lo.

-Desenvolva – disse o capitão.

-Ele sempre amou ouvir rock na rádio, se ele ainda ouve, podemos achar uma retransmissão pirata da rádio original. Ele certamente retransmitiria.

-E como se faz isso? -Perguntou o capitão.

-Precisarei de acesso a torres de comunicação e satélites de vigilância, se houver um sinal duplicado ou irregular, nós o achamos.

-Então faça acontecer! -Disse o presidente

-Você parte amanhã com uma missão especial: encontrá-lo.

-Dispensado! - o capitão falou.

Alvares saiu novamente da [reunião](#), mas dessa vez com o objetivo de reencontrar seu velho amigo. “mal posso esperar para revê-lo” ele se preparou para a viagem, pegando seus suprimentos e armamentos. Álvares se lembrou da notícia que havia ouvido de manhã sobre o ataque terrorista contra o avião espanhol que partira com o mesmo propósito de Portugal, transferir soldados para a casa amazônica. “não esperava por isso, pelo que eu sabia a Espanha tinha um avião blindado que, se camuflava nos radares de todo o mundo. Ninguém poderia saber a localização, A menos que alguém de dentro do avião o sabotasse ou enviasse sua localização para seus companheiros terroristas. Alvares ficou tranquilo pois conhecia todos que voariam com ele no avião menos um soldado que a menos de duas semanas tinha chegado a aquele posto, ele diz que ele era de [Hodj Daff a partir daí](#) não o levou a sério.

Entrou no avião, estava confiante que conseguiria reencontrar seu velho amigo, a escotilha do avião se fechou agora não tinha mais volta. Depois de várias horas

no céu a maioria dos soldados havia dormido. Menos Álvares, que observava o novo soldado que também estava acordado e sorria friamente. Ele sentia que algo estava prestes a acontecer. Um alarme soou por toda a cabine ensurdecedora mente deixando toda a galeria piscando com luzes vermelhas, “Descompressão” pensou, mas não podia estar mais errado. Logo depois do alarme a mensagem “Alerta, Míssil, alerta, míssil” soou. Ele sentiu seu corpo ficar mais pesado com os Gs da manobra evasiva. Todos acordaram e seguiram seu treinamento de manter a calma e continuarem sentados. Porém o novo soldado se levantou a caminho da cabine e começou a chutar a porta, vendo que não iria acarretar nada pegou sua pistola e deu alguns tiros. Álvares se levantou e correu até ele e tentou nocauteá-lo com um soco na nuca, porém nada aconteceu e ele se virou acertando um tiro em seu colete antibalístico, ele segurou a arma do novo soldado tentando desarmá-lo com toda a sua força, quando conseguiu, o avião balançou e os jogaram para mais longe da porta. O terrorista puxou Álvares para o chão e Álvares gritou:

-Vocês todos vão ficar só olhando?

Foi quando um dos soldados se levantou rapidamente e sem hesitar deu três tiros na nuca do soldado, o único ponto desprotegido pela armadura. Álvares ficou de pé e gritou:

-Alguém conhece esse idiota?

Todos permaneceram em silencio, porém o avião continuava sob ataque a rapidamente voltou a balançar. O piloto então disse pelo rádio:

-Pelotão [nome], o reforço chegou

Ele viu pela janela um caça Gripen se aproximando e atirando em, seja lá qual fosse o perseguidor.

-Hostil Abatido – disse o piloto – Iremos analisar as condições da aeronave, descansem, provavelmente conseguiremos continuar.

3 Mumppe (I)

"O poder tende a corromper, e o poder absoluto corrompe absolutamente."

-Lord Acton

Adnold Mumppe olhava pela janela do salão oval na casa branca. Aquela cidade que um dia já foi grande e prospera, agora estava ruidosa e era uma grande potência militar. Washington DC. Legiões de militares lá fora, enfileirados pelas ruas. "Todos leais a mim, sou realmente poderoso" Pensou.

-Senhor, trouxemos o traidor – disse alguém que entrava pela porta.

Ele não se virou de imediato, apenas fez um sinal com a mão para prosseguirem. Eles obedeceram. Eles colocaram o traidor na cadeira e prenderam suas mãos e pés. Mumppe se virou e fez sinal para eles saírem. Novamente, obedeceram.

-Mumppe. - Disse o traidor com rancor.

-Nós dois temos assuntos não resolvidos. – Disse Mumppe.

-Nós não temos nada a resolver.

-Se lembra de 2035?

-Me lembro bem – Disse o traidor sendo tomado pelo medo, forçando as barras que seguravam suas mãos

-Claro que se lembra. Foi a data em que ocorreu o grande golpe de 2035, todos nós deveríamos saber agora. Um dia depois, eu tomei o poder.

Mumppe se aproximou dele, seus olhos ardiam em desespero que o tomava.

-Sempre foi bom em se lembrar do passado. – Disse Mumppe. -Mas se lembra do que me disse naquele dia?

-Eu te disse que o poder corrompe – Disse o traidor.

-Estava errado, agora eu tenho o mundo.

-Só para você corrompê-lo, assim como fez com os Estados Unidos.

-Me diga, Arthur, você sabe se o mundo sabe que eu o controlo?

-Não, Mumppe, o mundo não sabe.

-E você quase contou para ele – gritou Mumppe.

-Na verdade Mumppe, já devem estar vindo te buscar.

-Você enviou a mensagem? – Berrou Mumppe. Ele permaneceu em silêncio.

-Você enviou para quem? – Disse ele tentando se acalmar.

-Todas as casas nobres.

-GUARDAS – Berrou Mumppe.

Passos foram ouvidos no corredor, dois homens altos e fortes, geneticamente modificados entraram pela porta.

-Mate-o. – Disse Mumppe apontando para Arthur

Os guardas agarraram Arthur e ele tomado pelo desespero tentou escapar dos braços dos guardas se rebatendo.

-Nem tente, não sentem dor. – Disse Mumppe. – Você os criou, já devia saber disso.

-Ah, e mais uma coisa Arthur, o que você disse na mensagem? – Disse de forma fria, sabendo que se ainda não houvesse um pinga de humanidade em sua alma, o teria matado ele mesmo.

-Está codificada Mumppe, por que não pergunta a uma casa nobre? – Disse já sendo arrastado para fora.

Mumppe não estava triste com aquela perda. Apenas olhava novamente pela janela enquanto tentava raciocinar como impedir a mensagem de prosperar. “O plano ainda está em andamento. Não podem descobrir” Pensou Mumppe quase que convenientemente.

2 Horas se passaram. Mumppe, agora sentado em sua mesa, já estava preparado para a reunião que acontecia 1 vez por semana. Ele ouviu batidas na porta e mandou entrarem. Pela porta entrou o marechal da armada acompanhado pelo seu engenheiro genético que também era o especialista psicológico dos soldados, previa cada movimento, Mumppe escolheu ele exatamente por isso. Após o marechal os secretários, mesmo não gostando deles e sabendo que poderia só tirar seus cargos do governo, ainda os mantinha por questões de opinião pública, como se o público ainda tivesse alguma opinião. Todos se sentaram nas poltronas e Mumppe começou:

-Olá e boa tarde a todos, vamos começar com a pauta sobre como vai a engenharia genética, Arthur... digo Elias Langley, comece.

-Bom, engenharia genética está indo bem, essa semana nós já completamos mais 4 legiões.

-Ótimo. Então, como todos já sabem, nosso plano foi vazado para o mundo. Existe alguma chance de alguém aqui estar envolvido com isso. - Disse Mumppe tentando gerar medo. – Alguém sabe algo?

Todos permaneceram em silêncio.

-Foi o que pensei. Bom, eu quero mandar uma mensagem, separem 4 ogivas nucleares de baixa potência, jogue nos alvos mais populosos de cada casa e maximize as vítimas, eu quero uma na Casa Amazônica, outra ao norte da Atlântica, também quero outra na Casa Europeia e por último na Ibérica.

-Será feito senhor.

-Ótimo. – Disse sem expressões. – Próxima pauta: Exercícios militares. Como foi o ataque a aquele novo carregamento de milícia a casa amazônica?

-Bem, senhor, nosso caça foi abatido. – Disse seu marechal com o medo estampado em sua face.

-Bom, se for assim, você sabe que eu não tolero falhas. Quem estava na liderança desse ataque?

-Nosso major, o de Ohio. – Disse o marechal, aliviado pela punição não ser nele.

-Bem, mande chamá-lo para uma conversa comigo pessoalmente.

-Será feito, senhor.

-AGORA.

O marechal então pegou seu rádio e disse:

-Mande chamar nosso major Ethan, o de Idaho, Mumppe o quer no salão oval em breve.

-Ótimo, ótimo – Bradou Mumppe -Bom, vamos considerar essa reunião como encerrada. Podem ir para seus devidos aposentos.

4 John (I)

Jonatan estava em seu banheiro, escovando os dentes quando sua mãe gritou do primeiro andar da casa avisando para ele, que eles iriam para a cerimônia de 9 anos, mais cedo naquele dia.

-Já vou mãe!!!- Respondeu enquanto corria para seu quarto para tirar o pijama e colocar a roupa adequada para a aquela cerimônia.

Jonatan colocou uma calça e uma camisa, adicionou meias e colocou um sapato que havia comprado há dois dias, sim ele sempre comprava sapatos novos, sua família era bem rica, como todas as outras na classe 2.

Ele quando terminou de amarrar os sapatos desceu as grandes escadas que faziam um formato de um círculo, onde suas paredes eram bem estruturadas e tinham muitos quadros entre outros. Quando chegou lá embaixo sua mãe e sua irmã mais velha, estavam prontas para ir.

-Vamos!!! Falou a mãe com um sorriso no rosto enquanto Jonatan e sua irmã a acompanhavam felizes, treinando o hino que fariam naquela cerimonia.

Andaram mais para a frente enquanto viam todas as famílias saindo de suas casas e indo para a mesma direção que a mãe de Jonatan estava indo.

Quando ele havia chegado, milhares de pessoas já estavam lá posicionadas em fileiras, em uma grande praça que se estendia por muitos metros, uma grande bandeira se estendia na frente de todos, a bandeira da casa América, sua imagem era Mumppe posicionado no meio da bandeira fazendo um sinal com seu braço saudando a bandeira.

Uma voz falou bem alto, nesse momento todas as pessoas que estavam lá, se silenciaram e ouviam com grande interesse o que a pessoa falava.

-Todos que estão aqui hoje vieram comemorar a cerimônia dos nove anos, esses nove anos foram (não me lembro o que eram).

Quando a voz parou de soar, as pessoas começaram a aplaudir e em seguida a cantar o hino da Casa América que era o mesmo desde que o mundo não estava dividido em Casas Nobres.

Quando terminaram o hino ficaram lá por mais uma hora, a pessoa que estava na frente de todos continuou falando e explicando como o salvador da Casa América, Mumppe, conseguiu restaurar a economia global fazendo sua Casa virar a maior e mais econômica do mundo.

Quando a história acabou, todas as pessoas que estavam lá na cerimônia falaram com convicção: Salve Mumppe. Após isso todos puderam voltar para suas casas. A mãe

de Jonatan, ficou lá por mais cinco minutos, ela gostava de deixar umas flores junto com algumas moedas de oferenda a Mumppe, quando a mãe terminou, foram em direção a casa, no caminho Jonathan observou que algumas crianças estavam brincando com seus pais, se sentiu triste por ele e pelas crianças que seus pais foram para o exército, todos os homens quando faziam 18 anos iam para o exército, menos os que tinham algum tipo de defeito físico, ou se tiraram notas ruins no vestibular. Seu pai havia saído de casa para servir a Mumppe quando Jonatan tinha dois anos.

Jonatan quando crescesse queria ser soldado, pois não existia tanta honra como ser soldado leal a Mumppe, queria ser igual a seu pai. Ele havia lutado nas guerras das fronteiras norte e leste do território americano, no começo do governo do Mumppe. E por isso havia ganhado uma medalha de ouro por ter sobrevivido, essa era uma das lembranças que Jonatan guardara de seu pai, deixava a medalha em seu quanto e sempre sonhava que lutaria a seu lado quando crescesse.

Quando viraram a esquina, e viram a sua casa, em frente a ela estavam dois oficiais do exército, sua mãe achou estranho eles estarem ali, pois aquilo nunca acontecera antes, mas lembrou o que provocou a vinda deles.

-Olá senhora - o oficial falou quando percebeu que ela estava em seu lado – viemos aqui para saber por que a bandeira de vocês não está hasteada hoje?

-Desculpem senhores, é que fazia tempo que não lavo a bandeira, por isso resolvi lavar antes de ir para a cerimônia para quando voltar hastear ela novamente.

-Está tudo bem senhora, como sabe fazemos ronda todo dia para ver se as bandeiras estão hasteadas, mas entendo, Mumppe não gostaria de ver nossa bandeira suja não é mesmo?

-Sim – respondeu enquanto entrava na casa e se despedia dos oficiais e terminado a frase com: Salve Mumppe, os dois responderam a mesma coisa e foram embora.

Jonatan subiu rapidamente de volta a seu quarto pois tinha dever de casa para fazer, a lição era sobre mandamentos e saudações da Casa América, uma matéria criada depois da crise econômica, só dada depois do oitavo ano. Jonatan estava no nono ano, isso confirmava que ele tinha 16 anos. Sentou-se na cadeira em frente à sua escrivaninha e começou a fazer a lição, olhou para o lado e viu a foto do seu pai e pensou, “ Só dois anos, dois anos, e estarei a seu lado na linha de frente”

5 Victor (II)

"Porque não há nada encoberto que não venha a ser revelado, e nada oculto que não venha a ser conhecido. Por isso, tudo o que disserem nas trevas será ouvido à luz do dia, e o que falarem ao pé do ouvido nos quartos será proclamado dos telhados."

- Lucas 12:2-3

"Hoje, a casa Amazônica recebe uma nova tropa de soldados de sua vassala casa Ibérica para a batalha dos Andes"

"Porque sempre falando de guerra?" Victor pensou, "Finalmente pararam de noticiar ataques terroristas".

A rádio continuou:

"Esse novo carregamento foi atacado por um caça da marinha Americana. O Avião foi levemente danificado. A bordo, estava o que o tenente Álvares de Guerreiro descreveu como, nas palavras dele "Traidor da armada portuguesa", que tentou acessar a cabine em pleno ataque com a intenção de matar todos os pilotos. Álvares lutou bravamente conseguindo imobilizá-lo, mas foi Carlos de Mendes Vasconcelos que o finalizou, ninguém se feriu no processo."

Victor ouvia tudo atentamente, "Álvares de Guerreiro". Esse nome não lhe era estranho. Quem era mesmo? Talvez fosse só uma memória longínqua entorpecida pela solidão. "Álvares de Guerreiro", talvez algum parente? Não, não tinha parentes próximos. Algum amigo antigo? Talvez sim, mas, não tinha amigos portugueses, a não ser um colega de faculdade, havia a abandonado para entrar em algo importante. "Talvez." Pensou, não podia ter certeza, mas o que era tão importante assim? O que o fez voltar para antiga Portugal? Algo relacionado a forças especiais, sim, se lembrava, teve um colega de faculdade que a abandonou para iniciar o treinamento das forças especiais. Mas, se fosse realmente ele, o que a tropa especial mais avançada da armada Ibérica estariam fazendo na casa Amazônica? Não havia como saber.

A rádio cessou. Mas ele não havia a desligado, ele raciocinou por alguns segundos lembrando de seu amigo português que o havia ensinado uma técnica militar. Qual era mesmo o nome? Eliminação por desligamento setorial? Talvez. Talvez estivesse apenas se confundindo com mais centenas de nomes militares que se lembrou. Mas, se fosse realmente o que estava pensando, então estavam tentando localizar alguém. Se fosse isso, então outras frequências estariam prestes a ser desligadas, trocou a frequência. Um jazz suave tocava. Cessou. "Sim" pensou ele, estavam realmente tentando localizar alguém, não seria ele, seria?

Um frio na espinha percorreu todo o seu corpo, a paranoia de que talvez estivessem o procurando só crescia. Desligou o seu retransmissor, não podia arriscar, mas assim, seu rádio de ondas curtas não captaria sua rádio favorita. "Não, não". Religou, mas,

desta vez diminuiu o alcance. “Talvez, assim eu esteja mais seguro.”. Porém sabia, que se fosse realmente isso, já o teriam localizado.

6 Álvares (II)

"O homem é o único animal que causa sua própria extinção por arrogância."

- Isaac Asimov

Depois de uma hora o avião conseguiu pousar tranquilamente, felizmente todos do avião estavam vivos menos, o terrorista. Quando pousaram o presidente da casa amazônica estava os esperando, depois de cumprimentar o capitão e o tenente ele falou:

-Ficamos sabendo o que aconteceu com vocês. Felizmente todos vocês estão vivos, mas não posso dizer o mesmo dos espanhóis.

-Também lamentamos por ele- o tenente falou- um amigo estava naquele voo, ele também não sobreviveu.

-Não devemos ficar lamentando perdas agora- o capitão falou- mas devemos contar próximas vitórias e para isso devemos ser rápidos.

Enquanto o presidente, o tenente e o capitão conversavam alvares começou novamente a pensar no seu amigo. "será que ele se lembra de mim ou ele deixou essas memórias no passado? Talvez não seria a melhor ideia, depois de tantos anos chegar falando sobre trabalho." seu pensamento logo foi interrompido pelo tenente que o chamou e contou para o presidente sobre sua pequena missão.

-Então- O presidente falou- Você precisa de todos os acessos de rádio para conseguir achar esse seu amigo que você não se lembra a onde ele está correto?

-Sim-respondeu Alvares-Acho que eu demoraria uma semana trabalhando sozinho.

-Você tem sorte-Disse o presidente- dois dias uma equipe de 20 dos melhores técnicos de rádio vieram para arrumar um grande problema que rolou nos rádios de toda a casa amazônica, vou pedir para que quando terminarem eles te ajudem, cortando esse tempo pela metade.

-Obrigado Senhor- Exclamou Alvares.

-Nessa guerra todos nós temos que se ajudar-falou o presidente-E agora está dispensado descanse um pouco na sua estadia em São Paulo, e amanhã você começa seu trabalho.

Quando alvares terminou sua conversa com o presidente, procurou seus companheiros de equipe. Nesse momento um soldado brasileiro mostrou o caminho para seu alojamento onde estavam estabelecidos seus companheiros. No caminho Alvares pensou em uma pequena marca no pescoço de um dos soldados que tinha passado por ele "Tenho certeza de que já vi essa marca em algum lugar, mas não me lembro onde". Mais

para a frente passou por um armazém de armas e depois chegou em seu alojamento revendo sua equipe já estabelecida e se recompondo de todo aquele ataque.

A noite caiu sobre alvares, instantaneamente se lembrou do sono e começou a dirigir-se a seu quarto. Lembrou de quando estava indo para o alojamento que quando se deparou com o soldado com aquela marca. “Reconheço aquela marca, não faz muito tempo que a vi” parou de pensar por um minuto pois quase caiu no chão de tanto sono, felizmente estava a um corredor da porta de seu quarto número 213. Quando entrou encontrou todas as suas malas e sua cama já montada pronta para ser usada, deitou-se na cama e fechou seus olhos, a última coisa que lhe veio à mente antes de apagar foi seu amigo Victor.

Perto das 1:56 da manhã alvares ouviu um pequeno barulho vindo da porta, lembrou que tinha esquecido de fechar a porta quando foi dormir então achou que a porta tinha se aberto pelo vento que entrou pela janela. Ouviu outra coisa, dessa vez não tinha a ver com a porta nem com a janela, mas reconheceu passos. Alvares se levantou bem rápido isso gerou uma instantânea tontura, mas mal conseguiu pensar nisso pois teve que pensar tão rápido de como desviar de uma faca no escuro. Alvares desviou tentou velo, mas ainda estava escuro então não conseguia ver que o atacava, quando se abaixou lembrou a onde estava o interruptor da luz que o ligou já que estava ao lado dele, “era o cara da marca” lembrou que continuava tentando o acertá-lo com a faca.

-Você o matou-disse o sujeito com a faca-agora vou fazê-lo sofrer.

Alvares lembrou de onde tinha visto a marca. Foi interrompido novamente pelo sujeito que nesse momento tentava acertá-lo com uma faca. Desviou abaixando-se e mandando um [gancho](#) com a mão direita, infelizmente acertou o ombro de seu oponente que permaneceu de pé. Agora foi a vez de seu oponente que fez um movimento com a faca tentando escavar a testa de alvares, que agiu rápido desviando e o desarmando. Álvares agora estava com a faca, mesmo com o objeto de corte, que poderia acabar com a quela luta rapidinho, ele a tacou no chão e bem quando o sujeito olhava para ver onde que a faca cairia, Álvares o nocauteou resultando em sua queda ao chão.

Todas as janelas escuras foram iluminadas por uma luz tão luminosa que parecia que era meio-dia e durou poucos segundos. Logo depois, Álvares ouviu um grande estrondo, como uma granada explodindo a um palmo de seu ouvido. Um Alarme começou a soar por toda a base, “Protocolo 666” pensou. O nome era apocalíptico o suficiente para ele. “Fase 1: Caso estejamos a uma distância segura, alertar a todos para se preparar para o pronunciamento do marechal” repassou mentalmente, “Estão acordando todos”. Enquanto pensava nisso, correu para a janela, afastou sua cortina e olhou. Um grande cogumelo nuclear. Estendeu seu braço para calcular a distância. “Distante o suficiente para sobreviver” Pensou. Álvares sentia o calor em seu rosto cara enquanto olhava pela janela. Logo depois, sua janela foi estilhaçada e ele foi empurrado para trás, sentiu sua pele queimar mais pelo calor. Ele se virou para trás e se abaixou. Sua cara estava queimando menos agora. “Onda de choque”. O sistema de comunicação soou, “Ataque nuclear

confirmado, 10,8° a 7 quilômetros de distância da base” Álvares olhou novamente pela janela.

“Todas as unidades médicas e especiais para a base aérea. Todos os oficiais de comando e inteligência comparecer à reunião na Sala de Estado-Maior” Disse alguém pelo sistema de comunicação, “Fase 3: reunião estratégica com todos os oficiais” repassou.

-Primeiro tenente Álvares de Guerreiro, precisamos de você na reunião - Seu capitão estava na porta, praticamente ignorando o terrorista no chão e o cogumelo nuclear lá fora.

-Irei comparecer.

Olhou para ele como que se ainda não tivesse processado a grandeza da situação, milhares de mortos e ele falava como se nada tivesse acontecido, não podia pensar nisso também, precisava ser objetivo, mas não podia. Deu atenção novamente ao traidor, o virou e amarrou suas mãos e pernas. “Ele não vai fugir assim”. Pegou a faca e a deixou sobre a cama. Andou até a porta. Milhares de mortos. Correu até a sala de estado-maior. Carbonizados em segundos. era a primeira vez que ia para essa sala. E mais milhares com sequelas graves. Entrou e olhou em volta, máquinas do militarismo sem alma, havia o Marechal na posição mais alta, logo em volta os generais de Exército, Divisão e Brigada.

-Bom, como todos vocês já sabem, ocorreu um ataque nuclear -começou o marechal, olhou para o oficial de inteligência e perguntou - O que sabemos sobre o ataque?

“Muitos mortos inocentes.” Pensou Álvares.

-O ataque foi realizado por um avião bomba que era um jato particular e decolou do aeroporto de Congonhas com destino a Brasília. – “Um avião capaz de arruinar milhares de vidas e afetar milhões de outras.” Pensou. - Para alcançar a altitude certa, começou uma espiral saindo do curso e detonou a 5 mil pés - Disse o oficial de inteligência - o número estimado de mortos é de 40 mil e 300 mil feridos – Pausou e deu um suspiro.

-Como vamos progredir? – perguntou o general do Exército de forma fria. Tão fria que gelou o espírito e Álvares.

-De acordo com o oficial de inteligência o ataque foi realizado pelo grupo terrorista de Fronteira Zero – “Malditos.”. - Nós ainda não sabemos como eles conseguiram uma ogiva nuclear – deu uma pausa e respirou fundo, como se estivesse tentando manter a calma – COMO VOCÊS DEIXARAM UMA BOMBA PASSAR NO AEROPORTO? – Gritou. Mas esse não era o ponto principal que necessitava ser discutido.

-Vamos investigar, senhor – disse o oficial de inteligência

-Se eles têm uma podem ter outras – disse o marechal, tentando se acalmar – Todos aqui presentes têm ordens para coordenar as operações de resgate. Todos, exceto um. - O Marechal encarou Álvares diretamente. - Primeiro-tenente Álvares de Guerreiro, você ficará aqui. Temos um outro trabalho para você.

-Senhor. – Álvares disse. Saindo do devaneio de raiva.

-Você e seu pelotão estão encarregados de, como você já sabe, localizar seu amigo Victor. – “Sim” Pensou Álvares, “Mas ele não pediria para eu fazer isso depois desse genocídio, pediria?”

-Senhor, isso é realmente a prioridade agora? – Álvares perguntou

-Não para o nosso exército – Disse o marechal e suspirou – Teoricamente você ainda pertence ao exército Ibérico. – Disse como se já tivesse se esquecido da explosão.

-Afirmativo.

-Nosso exército não vai mais financiar sua operação, por isso será transferido para a Casa Andes, onde achamos que ele está.

-Senhor, com todo respeito, eu quero ficar e coordenar uma equipe de resgate.

-Não, precisamos decifrar essa mensagem, Álvares. E você vai até ele. – Disse o marechal começando a se irritar.

-Mas de qualquer jeito, Marechal, somos inimigos em comum. – Questionou Álvares.

-Não quando temos adversários em comum. Você ficará lá temporariamente e levará sua Companhia.

-Senhor, eu comando um pelotão. – “Que deveria ser redirecionado para resgate nesse exato momento.”

-Não mais. Capitão Álvares de Guerreiro, sua nova patente entra em vigor agora.

“Não pode ser.”

7 Maya (I)

“Era uma vez, em um reino magico onde...” Maya lia um livro em seu quarto. ficava no sótão, a janela aberta fazia o vento balançar algumas cortinas rasgadas que faziam elas parecerem ondas em uma praia. Maya nunca tinha ido à praia, não sabia como era a vida fora de Stoneview em Detroit. Também não sabia a quanto tempo aquele bairro se chamava Stoneview, mas sabia que nem sempre foi assim.

-Mãe! – Gritou do seu quarto, na esperança que ela ouvisse.

-O que foi filha? – Ela perguntou.

-Não tinha nenhum livro menos infantil na loja? – Continuou gritando, pois, sua mãe ainda estava no andar de baixo.

-Você sabe filha, não tem muitas coisas na loja.

-Sei... – Respondeu.

Ela repousou o livro em sua mesa de cabeceira. Sabia que não era seu único livro, na verdade, adorava livros, não que houvesse muitos disponíveis, mas se soubesse procurar, conseguiria achar alguns de antes de 2035, os que não foram reescritos. Seu favorito era Contos da Revolução, não que fosse de antes de 2035, bem porque falava exatamente do Grande Golpe de 2035. Falava exatamente da perspectiva de alguém de fora de sua Casa natal, A Casa América sobre a revolução do Mumppe. O havia conseguido enquanto passeava na área menos policiada da cidade, era alguma tarde escurecida pela chuva. Fazia passeios como aquele regularmente, mas naquele dia específico, resolveu desviar e seguiu para sul, uma região perigosa do bairro, havia visto o livro na vitrine, o vendedor era amigável e lhe vendeu por 10 DA\$(Dólar América). Havia chegado em casa e começado a ler, desde então, já tinha perdido a conta de quantas vezes havia lido. .

Sua mente se voltou a Stoneview, um dos bairros Classe 3 da cidade. Além do fato de que Classe 3 apenas significasse que era contra a ditadura, significava que seus mercados, postos, ruas, escolas, casas e saúde seriam mais decadentes que os de Classe 2. Não conhecia nenhum Classe 1, servia apenas para militares, um lugar onde todos gostariam de estar, ninguém de Classe 3 poderia ir para lá, até para os Classe 2 já era difícil. Nem sabia se realmente existia algum bairro de Classe 1, sabia que todos gostariam de ir lá um dia, e apenas isso.

Voltou-se a se lembrar de Mumppe, O Grande Adnold Mumppe, como era chamado pelos Classe 2. Para os Classe 3, estaria mais para O Grande Desgraçado Adnold Mumppe.

Foi puxada para a realidade novamente com o som de uma metralhadora fora de sua casa. Não gostava de armas, nem de guerras. Mas reconhecia que era uma metralhadora pela frequência dos disparos, isso acontecia com certa frequência, não era difícil conseguir uma arma. Bastava ser corajoso o suficiente para passar na inspeção semanal que acontecia para investigar o que você tinha. Caso fosse pego com uma, iria para algum lugar Classe 4, ninguém realmente sabia o que acontecia lá, nunca ninguém voltou.

O protocolo para lidar com disparos era simples, se deitar no chão e esperar neutralizarem a ameaça. Sempre havia alguma patrulha próxima. Era impressionante como sempre havia uma patrulha próxima. Talvez ninguém nunca houvesse atirado, essa frase veio como um tiro em sua mente. Talvez nunca ninguém houvesse atirado. Talvez. Diante desta dúvida, não se deitou, andou até sua janela e olhou. O som estava vindo de todos os lados ao mesmo tempo. Olhou para um dos lados, o grande autofalante que havia em cada esquina estava com a luz indicadora ativa. Isso significava que estava transmitindo algo.

Neste momento, sua mãe invadiu seu quarto e em um turbilhão de movimentos jogou ela e sua filha no chão do sótão.

-Não está ouvindo os tiros lá fora minha filha? – Disse eufórica.

-Mãe, não há ninguém atirando. – Disse Maya.

-De onde tirou isso? Fique deitada aqui mesmo. É perigoso! – Disse.

-Mas mãe, são os Grandes Autofalantes, eles estão fazendo esse som.

-Para de falar bobagem e fica deitada.

Alguns momentos se passaram até o som cessar. Ela e a mãe ficaram em pé.

-Vou ver como está seu irmão. – Ela disse e saiu rapidamente do quarto.

Maya se levantou, fazia isso com frequência, ao se levantar de manhã após uma bela noite de sono, depois de tropeçar em sua irregular escada, após ouvir essa mesma metralhadora praticamente toda semana.

Olhou em seu relógio de pulso, algo não muito requintado. Havia comprado em uma loja estranhamente próxima a que havia comprado o livro, o comprou por uns... 10 \$DA. Eram 10:15 da manhã. Faltavam 15 minutos para a inspeção semanal regular em sua casa. Precisava esconder o livro. Estava em sua 3ª gaveta do lado esquerdo da cômoda. Foi até lá e abriu. Lá estava ele, Contos da Revolução. O pegou como se fosse uma bandeja de ouro com marfim e levou majestosamente até seu esconderijo favorito, a parte superior de uma viga de sustentação no canto esquerdo do quarto. Toda semana deixava o livro lá para passar na patrulha.

Passou os próximos 15 minutos tentando deixar o livro menos visível até baterem em sua porta dizendo: “Abram a porta e se apresentem, Departamento de Vigilância Civil” era a DVC para sua inspeção semanal, olhou em seu relógio, 10:30, eram bem pontuais. Desceu até a porta e ficou ao lado de sua mãe e irmão, não tinha pai, havia morrido antes mesmo dela ter nascido em uma briga de rua enquanto estava bêbado depois de descobrir que a mãe de Maya estava grávida. Sua mãe abriu a porta.

-Família Dawn Whitaker se apresentando para a inspeção – disse sua mãe.

-Bom dia para a senhora e, imagino que esses sejam seus filhos – disse o oficial.

-São sim, senhor – disse.

-Eu sou a Maya e este é meu irmão. – Maya interrompeu.

-Perfeito Maya, só irei entrar e inspecionar, já saio.

-Teria problema caso eu te acompanhasse? – Maya perguntou.

-Não, claro que não. – Havia hesitado por alguns segundos antes de responder isso.

O oficial saiu seguido por Maya por entre os cômodos da casa. Vez ou outra parava para abrir uma gaveta e revirar os itens dentro. Isso durou por alguns minutos, pouco mais de 10, antes de voltar a mãe de Maya.

-Tudo em ordem, minha senhora. – Disse. – Preciso ir agora, é triste ver pessoas assim vivendo na Classe 3.

-Adeus. -A mãe de Maya fechou a porta da casa logo após o oficial sair.

-Ele pegou o livro? – perguntou ela.

-Não, claro que não. – Respondeu Maya e subiu as escadas para seu quarto.

Já em seu quarto, Maya estendeu seu braço até a viga para tentar alcançar o livro, o que realizou com sucesso. Continuava exatamente o mesmo. Contos da Revolução. Abriu a 3ª gaveta do lado esquerdo de sua cômoda e o colocou lá novamente. Se continuasse assim, jamais o pegariam.

-Maya, venha logo, vai começar o noticiário! – gritou a mãe dela.

Maya odiava o noticiário, notícias forjadas feitas apenas para o controle populacional: “Explosão atômica: malditos terroristas”, “Receberam uma comunicação vinda de fora: invenção da mídia”, “As produções da indústria não suprimam a população: sabotagem de espões Russos”... Mas sua mãe insistia que ela assistisse toda maldita edição do programa.

-Estou indo! – Gritou lá de cima.

Desceu as escadas rapidamente e fez o caminho até sua sala. Lá, sua mãe e irmão ocupavam os 2 únicos lugares do sofá. Então, ela teve que se sentar na poltrona. A poltrona era pequena, mas confortável. Já era até quase completamente sua. A televisão estava sintonizada no canal 21.

-Hoje, mais um traidor do estado atentou contra a nação – Dizia o Noticiário. – Isso aconteceu no bairro de Stoneview em Detroit. Felizmente ninguém se feriu, mas o traidor foi detido e posteriormente atentou contra sua própria vida.

-Baboseira, isso não aconteceu – Disse Maya.

-Deixa de bobagem.

O noticiário continuou falando, ela já não estava mais com ele. Sua cabeça eventualmente voltaria a pensar no governo de Mumppe, mas pegou no sono antes.

Quando acordou, sua mãe a chamava para levantar pois o noticiário havia acabado. Ela, ainda entorpecida pelo sono se levantou e seguiu até seu quarto. Olhou no relógio, 15:06, seria possível ela ter dormido por 4 horas e meia no meio do dia? Pelo que parece sim, e não conseguiria dormir essa noite.

Já havia conhecido alguém Classe 2, sua mente se voltou a esse fato. Mas parecia um robô a um ser pensante e racional. Defenderia o Mumppe até a morte. Era incrível o trabalho que ele havia feito com seu próprio povo, os transformado em robôs irracionais que mal (ou nem) pensavam. Não tinha como discutir com eles, sempre estavam certos em sua mente. Esse era o plano de Mumppe, criar devotos, que concordariam ele em qualquer coisa que dissesse.

Pensou como seria a vida em um bairro Classe 1(se é que existia um), mansões cercadas de seguranças do governo, lagos no quintal, grandes campos de golfe, nunca faltaria nada em casa. Mas estariam sempre te observando, sob o discurso de ver se você merece estar lá, em um lugar conhecido como paraíso.

8 Sophie (I)

Uma reunião de extrema importância acontecia, representantes dos países das casas europeias falavam, era um dia nublado, com pouca porcentagem de chuva, todos

estavam em um salão bem grande com muitas cadeiras, bancos e mesas. As paredes tinham janelas que possibilitavam ver o mundo depois de horas de discussão sobre os ataques terroristas.

-Não podemos deixar que eles nos ataquem, precisamos achar onde que eles se estabelecem e lançar um ataque contra eles! - falava uma voz que ela achava que era da suprema corte.

-Agora o principal objetivo é descryptografar a mensagem! - outra pessoa falava com a mesma convicção que a outra.

-Silencio! - Gritou Sophie representante e governanta da Alemanha. - Assim não vamos resolver nada, precisamos descobrir o traidor e assim achar informações sobre a localização dos terroristas.

Num momento depois várias pessoas começaram a falar ao mesmo tempo, isso mostrava o desespero e a vontade das pessoas para voltar para suas casas. Uma voz se sobressaiu abafando as falas das outras pessoas.

-O traidor pode ser qualquer um de nós, inclusive, talvez nem exista um traidor. - Falou o representante e governante da Itália.

-Nossos espões falaram o contrário. - respondeu Sophie com um olhar ameaçador como se já tivesse respondido aquela pergunta, mas com outras palavras, para cima do representante fazendo o sentar-se novamente na cadeira

-Precisamos retornar para nossos países Sophie, mas todos concordaram que a Alemanha está oficialmente em proze da investigação sobre os ataques terroristas e vocês terão todo o apoio da casa maior europeia.

Sophie fez um gesto com a cabeça, e em seguida a reunião acabou, dava pra ver o sorriso das pessoas quando souberam que acabou, todos estavam a mais de um dia falando sobre esses ataques. O salão logo se esvaziou, Sophie precisava chegar agora em sua casa, pois ela iria ter outra reunião no dia seguinte, pegou suas malas com muitos papeis dentro e saiu pela porta do salão.

Na saída encontrou seu carro que tinha sido trazido pelos manobristas, à ajudando a entrar no carro. Ela ligou seu carro e foi em direção a sua casa. No caminho viu muitas pessoas olhando nos telões da cidade, algumas choravam e outras não sabiam o que fazer, vendo isso Sophie ligou a sua televisão dentro do carro e viu a notícia.

-Acabamos de saber que houve outro ataque aqui na Alemanha, Munique está sobre chamadas, autoridades não sabem o que fazer a respeito disso, ficamos sabendo que acabou reunião dos representantes nesse momento, esperamos que eles tenham decidido encontrar esses terroristas e pôr um fim nessa história que só está nos desfavorecendo.

Sophie desligou a televisão, e entrou em pânico não sabia o que fazer, se culpava por aquilo, “Guerra, ditadura, mensagens, ataques, quando tudo vai voltar ao normal?” seu pensamento foi interrompido quando chegou em casa, na frente de sua casa estava pelo menos 50 repórteres que perguntavam,

-O que a Alemanha fara a respeito desse ataque?

-A casa europeia está conosco?

Eram tantas perguntas que Sophie não respondeu nenhuma, estava naquele momento se culpando novamente das mortes em Munique, e o que faria em seguida? Essa pergunta ficou em sua cabeça durante muitos minutos, mas resolveu esquecer por pelo menos uma noite para conseguir dormir direito, deitou-se na cama fechou os olhos, mas teve que abri-los rapidamente pois tinha recebido uma ligação...

9 Victor (III)

"Os maiores gênios são aqueles que mais se aproximam da loucura."

- Aristóteles

“Hoje, próximo das 2 da manhã...” Era uma voz diferente no rádio, ele não reconhecia. “Ocorreu um ataque nuclear nas proximidades de São Paulo.” A voz pausou, ele ouviu alguém enxugando as lágrimas. “O número de mortos é estimado em 106 mil” A voz começou a chorar “É extremamente triste e... Me desculpe...” e voz ficou muda e começou uma música de fundo.

Ele não desligou, mesmo que não quisesse ouvir, ele estava curioso. Outra voz continuou, ele também não reconhecia. “O governo da Casa Maior Amazônica declarou estado de emergência. Tropas foram mobilizadas para as regiões atingidas, e aeroportos fechados. Mas ainda não há confirmação oficial sobre a autoria do ataque.” A voz falava de forma fria e continuou “Também temos um rumor de que uma tropa militar de elite foi transferida para a Casa dos Andes, porém, ainda são só rumores.” Neste momento, Victor se lembrou que morava na Casa dos Andes e um frio percorreu sua espinha. “Não, não.”, devia ser paranoia de sua cabeça, tentou afastar seus pensamentos, porém a única coisa que conseguiu pensar foi em sua invenção, porém, desta vez, deixou seus pensamentos fluírem. Lembrou-se de como chegou naquela equação, lembrou de quando percebeu que ao invés, de só usar a energia de dentro da bomba, poderia usar a energia em volta. lembrou de como isso se relacionava com temperatura, porém pressão? Como se encaixa nisso? Não conseguia se lembrar, só se lembrava da equação completa, sabia que funcionava, e isso bastava para sempre invadir sua cabeça.

Lembrou-se da notícia: “Um golpe de estado foi dado nos principais países do mundo, algo completamente planejado. Uma sociedade secreta acaba de tomar o poder, não há mais países. Agora só há **Casas Nobres**”, essa foi a primeira vez que ouviu o termo Casa Nobre, nunca gostou dele. Tinha quantos anos mesmo? 16? Talvez. nem conseguia mais se lembrar há quanto tempo isso tinha sido. Voltou novamente a se lembrar de Lugar Nenhum, estava tão acostumado a falar isso que não conseguia mais dizer Atacama.

Lugar Nenhum. Como foi parar lá? De forma nenhuma? De jeito algum? Eram tantas perguntas que no fundo eram idênticas. “Como havia parado lá de jeito algum?” Pensou já tomando como verdade. Tentou raciocinar logicamente, não havia forma nenhuma dele ir ter parado em Lugar Nenhum de jeito algum. Havia algum jeito de ir parar em lugar algum de jeito nenhum? Talvez não, 0+0 ainda é igual a zero, então, ele não podia estar em lugar nenhum. Não, talvez Lugar Nenhum não fique em lugar nenhum, tentou lembrar já esquecendo onde ficava. Ah sim, Atacama, já havia se esquecido.

Tentou ir mais fundo em sua memória, lembrava-se de um som, mas não sabia que som era. Pensou em sua casa, como havia parado lá? Oque havia fora de sua casa? Talvez conseguisse se lembrar, sem nem considerar a opção de abrir a porta. O tempo passou, ele olhou para a janela novamente, imaginou como seria se a guerra voltasse a ele, como seria se se lembrasse de como era a vida lá fora, mesmo que não estivesse sendo

forçado a ficar lá dentro. Mas, talvez estivesse, lembrou-se novamente da equação, talvez isso fosse o que o prendesse a Lugar Nenhum.

Sua casa era deveras aconchegante, dois contêineres interligados. Lembrou-se de uma frase que havia dito a muito tempo:

-Dois é realmente necessário? – disse Victor de algum tempo

Ele teve ajuda. Essa revelação gerou um frio em sua espinha. Ajuda de quem? Por quê? Como? Dessa vez as perguntas não eram idênticas. Como responder todas? Começou com por quê. Por que alguém ajudaria ele? Não tinha como responder isso. Tentou responder como. Como alguém que ajudaria ele por quê? Já havia misturado as duas. Droga! Quem? Tentou resgatar em sua memória, alguém ajudaria ele? Os fatos estavam aí, então sim, alguém o ajudaria, porque não havia forma alguma de alguém não ter ajudado ele a chegar a Lugar Nenhum sendo que alguém ajudou ele a chegar a Lugar Nenhum considerando que não estava em lugar nenhum, mas havia alguma forma dele ter ido parar em lugar nenhum de jeito algum, então talvez estivesse em lugar nenhum, mas não tinha como estar em lugar algum pois estava em algum lugar. Então estava em algum lugar e teve ajuda de alguém para chegar lá. Onde estou mesmo? Ele já havia se esquecido novamente. Ah sim, Atacama, já havia se esquecido novamente.

Sua mente se voltou a questão inicial: quem ajudou ele? Não conseguiria responder, tentou responder algo mais simples: Há quanto tempo isso tinha sido? Olhou pela janela. Onde está o gelo na montanha? Se perguntou. Há quanto tempo tinha visto ele? Voltou a se lembrar sobre tempo, se usava tempo para calcular incontáveis equações, mais não havia equação alguma para calcular tempo, podíamos criar formas de medir o tempo como o segundo. O que é tempo? Se perguntou, podíamos medir tempo em uma dimensão extra das espaciais. Por que tempo? Se perguntou, lembrou-se da relatividade, o tempo era relativo à velocidade e gravidade, e era dada pela equação de Einsten $t' = \frac{t}{\left(1 - \frac{v^2}{c^2}\right)^{\frac{1}{2}}}$, então talvez existisse uma equação para tempo. Tempo então era só uma distorção no tecido do espaço tempo? Talvez, o que aconteceria a velocidade zero? Qual a passagem do tempo? Simplificou. À velocidade zero o tempo passa normalmente. qual a passagem do tempo? 1 segundo/s? 1 hora/h? Talvez sim, para os dois. Se o tempo passa normalmente a velocidade zero, então aquela equação não nos conta a passagem do tempo. Precisava recomeçar, as outras equações sobre tempo só contavam uma passagem entre evento A e B. Estava conseguindo raciocinar melhor. Então talvez tempo total do universo fosse uma medida entre o evento A e B, e B se estende e tende ao infinito, $T = 0 + \infty$. Isso não faz sentido. Talvez $T = \sum_{i=1}^{\infty} i$. Não, também não faz sentido. Ou faz Victor não podia ter certeza, talvez todas estivessem certas. Talvez todas estivessem erradas.

Victor voltou a se lembrar sobre a montanha que era nevada. Voltou-se a questão de quanto tempo havia se passado desde que ela era nevada. Recordou-se das 4 estações do ano como base, Inverno, Verão, Outono e... qual era mesmo? Ah sim, Primavera. Em

que estação do ano ele estava? Não conseguia responder, primeiro tinha que responder uma questão ainda mais importante. Que dia era hoje? Essa era uma missão impossível para ele. Mal sabia quando tinha sido a última vez que tinha olhado o relógio. Ele só conseguia saber se estava dia, ou noite. Dia. Se lembrava que a definição de dia na cabeça dele era se o sol estava iluminando a paisagem. Olhou para fora, sim, definitivamente era dia. Mas, sua definição estava falha, se uma nuvem passasse sob o sol, seria noite? Não, então teria que repensar a definição de dia. As 12 horas do dia que... não, dependendo do dia o dia tinha diferentes durações. Qual a definição de dia? Será que não conseguiria responder essa simples pergunta? Qual a definição de dia? Se perguntou novamente. Talvez o único jeito de saber quando era dia, seria por extinto e intuição. Não. Tudo deve ser especificado pela ciência. Talvez, não no caso da definição do dia. Mas se tudo pode ser definido pela ciência, dia também deve ser. Mais uma contradição, o mundo estava cheio delas, assim como não pode ter ido parar de algum jeito em lugar nenhum de jeito algum.

E a definição de noite? Qual era? Quando a luz do sol não iluminava a paisagem? Não. Durante uma tempestade durante o dia não seria noite seria? Não. Elas estavam aí novamente, contradições, em todo lugar, não ia começar novamente. Não, deveria haver uma forma de definir noite e dia, assim como existe um jeito de definir Lugar nenhum e não lugar nenhum. Olhou para fora novamente, conseguia saber que estava de dia. Como conseguia saber? Talvez... sempre talvez, talvez nunca consiga parar de usar talvez. Assim como não consegue parar de usar Lugar Nenhum, e assim como não consegue definir dia e noite.

Mais uma pergunta veio a sua cabeça. "Quem sou eu?". Victor, o cientista renegado, o engenheiro que pode destruir o mundo, o homem que não consegue definir o que é dia e o morador de lugar nenhum. Mas como ele podia morar em lugar nenhum sendo que não havia jeito algum dele ter chegado lá? Droga. Já havia confundido lugar nenhum com Lugar Nenhum.

Prestou atenção em sua respiração, pelo menos ele ainda entendia isso. Entrava oxigênio e saía dióxido de carbono. Simples, tão quanto sua equação. $E = (P + T)^{\frac{1}{2}} \cdot (\Delta m \cdot c^2)$. Não podia mais se lembrar dela, ou aquele círculo começaria novamente. Prestou atenção na última coisa que pensou. Estava consciente do círculo de pensamentos. Pelo menos ainda havia alguma chance de mudar isso.

10 Álvares (III)

"Naquele dia, quando parti em direção a Victor, me senti estranho, em uma base estranha, em uma Casa estranha, com pessoas estranhas."

- Diário pessoal de Álvares.

Álvares estava prestes a entrar no avião, olhou para traz e viu toda sua companhia. “Sou capitão agora” ele pensou, mas logo parou de pensar pois tinha que entrar no pequeno avião. Logo após se sentar estavam os 10 primeiros tenentes que comandavam suas brigadas sentaram-se espalhadamente em todas as cadeiras do avião.

-Decolaremos em instantes-disse o piloto e entrou na cabine.

Álvares lembrou de seu velho medo de voar num avião, que a muito tempo ficou esquecido em suas meras lembranças e por algum motivo a lembrara, mas a esqueceu de novo quando o avião começou a pegar velocidade para levantar voo. Depois que o avião já estava em uma altura considerável e estável para começar a viagem Álvares começou a pensar profundamente. “faz muito tempo que a guerra começou..., mas como foi mesmo que ela começou?” Poucos sabiam como tinha começado pois não era qualquer um que conseguiria absorver toda aquela história. “lembro que em meus treinamentos meus capitães contavam pouca parte de como realmente tinha começado, mas ninguém que eu conhecera sabia a continuação da quela história ou o porquê de ninguém os contasse.

Um tempo se passou sem que alvares pensasse em algo, ele só ficou olhando para fora do avião que, nesse momento passava pela fronteira da casa menor andes. Parou de não pensar e lembrou-se de Victor. “provavelmente Victor já deve ter escutado a notícia sobre hoje de manhã, deve estar preocupado, pois a guerra algum dia chegaria a ele e ele saberia que não conseguiria escapar”. Depois de 30 minutos o piloto começou a falar:

-Passageiros em instantes pousaremos, então peço que por favor apertem os cintos.

Quando o avião já tinha pousado alvares passou um tempo esperando os aviões de transporte de tropas chegarem para organizar e traçar os últimos planos antes de partirem e passarem pela cordilheira dos Andes.

Álvares foi chamado a sala do marechal para uma reunião estratégica.

-Capitão Álvares de Guerreiro. – Disse o marechal da casa dos Andes. -Primeiramente seja bem-vindo ao nosso aconchegante quartel general.

-É bem aconchegante mesmo – Disse Álvares, enquanto olhava em volta. Era uma pequena sala estilo rústico, assim como todo o resto do quartel. O marechal o olhava da ponta oposta da mesa. – Há quanto tempo vocês o têm? – Perguntou Álvares.

-Cerca de 5 anos – Disse o marechal rapidamente, sem dar muitos detalhes. – Vamos direto ao assunto, Capitão- Deu uma pausa e continuou - Descobrimos a localização de seu amigo Victor.

-Qual o raio?

-20 quilômetros – Disse o marechal. – Mas nada que seus soldados não possam lidar, concorda?

-Bom, até onde meu conhecimento se estende, ainda teremos que buscar por cerca de 1200 quilômetros quadrados. E sei que se dividir isso pelos meus soldados ainda teremos que cobrir 2 quilômetros quadrados por soldado. -Disse Álvares, usando seu conhecimento adquirido no ensino médio

-Estou vendo que leva jeito para cálculos, Capitão – Disse o marechal – Por que não se tornou professor?

-Bom, temos a questão salarial, mas combinaremos que ser o capitão da maior tropa de elite do ocidente sul é mais legal. – Respondeu Álvares – Mas bom, vamos ao que importa, coordenadas.

-*Resto del guerrero*, uma pequena vila a 300 quilômetros daqui. – Respondeu o marechal.

-Uma longa viagem para fazer com 600 soldados, marechal.

-Haverá 2 paradas: Puerto del lua, Forte del Andes e depois chegará a Resto del Guerreiro.

-Estou familiarizado com Puerto del lua. – Disse. – A cidade com a maior taxa de criminalidade nos últimos anos.

-Parece que fez sua lição de casa, Capitão – Disse o marechal

-Sempre me preparo antes de uma missão, meu caro marechal.

-Bom, essa conversa já está se estendendo demais. Os outros já te esperam lá fora. Vasques seu tenente saberá te guiar. Boa sorte, capitão. – Terminou o marechal.

Com todas as equipes preparadas e armadas para começarem o percurso, antes de partirem alvares falou os últimos detalhes sobre a travessia e partiu. A primeira parada era a 100 km do aeroporto. Alvares entrou no carro, girou a chave e com mais três soldados no carro e vários caminhões levando o resto da companhia começaram a busca.

-Tenente Vasques avise para os caminhões que passaremos ao longo da nossa viagem em zona de guerra e peço que nenhum de vocês atirem pois ainda somos leais a casa amazônica- falou Álvares enquanto dirigia.

-Farei isso senhor. O soldado respondeu enquanto ligava o rádio para falar com os outros transportes.

“Longa viagem” Pensou enquanto olhava para fora. “acho que seria mais sensato se eu não chegasse com minha companhia para buscar Victor, ele certamente acharia estranho e ficaria com medo se achasse que nós estávamos procurando-o pelo que ele

tinha feito. Mas e se ele me reconhecesse? -logo seu pensamento foi interrompido pois ele sabia que isso não seria possível.

Se passaram alguns minutos quando um clarão de luz apareceu a frente de alvares explodindo o carro abatedor. Uma tensão apareceu no ar enquanto soldados de alvares saíam para reter o fogo cruzado.

-Não era para termos chegado na zona de guerra tão cedo- Gritou alvares para um soldado que ainda não tinha saído do carro.

-Não estamos na zona de guerra senhor, ainda não reconheci o que está nos atacando. Respondeu o soldado, que saiu depressa do carro destravando sua arma.

Sons de tiro para todo o lado, granadas explodindo e sangue era o que não faltava. Alvares pegou sua arma e saiu do carro logo viu vários de seus soldados mortos caídos no chão, inclusive um dos seus soldados que estavam no seu carro. Rapidamente a expressão de alvares mudou, esqueceu totalmente que ele não devia dar tiro em ninguém. Alvares saltou e deu três tiros na cabeça de um soldado inimigo enquanto já se virava para atirar em outro soldado. Deu vários tiros até que sua munição havia acabado, nesse tempo de batalha a companhia de alvares já tinha criado um ponto onde estratégias e suprimentos, inclusive médicos ficavam protegidos do fogo cruzado, vendo isso ele foi correndo até eles agachado pois se ficasse em pé provavelmente iria tomar vários tiros.

-Tenente quantas perdas nós temos?

-Senhor, que bom que você está bem, não sabemos o número exato, mais temos uma estimativa 5% estão mortos e mais 3% estão feridos.

-Mas o que está nos atacando!!- Álvares gritou pois naquele momento era o único jeito de se conseguir ouvir alguém.

-São soldados da casa amazônica, eles acham que nós somos da casa andes por isso estão nos atacando- respondeu o tenente

-O capitão deles está aqui? Alvares perguntou

-Sim senhor, ele está na parte alta do portão de pedra! -respondeu o soldado sem entender o motivo de saber o que ele queria com o capitão inimigo.

- Arrume um grupo de cinco homens imediatamente. -Alvares continuou.

O tenente cumprimentou e foi chamar cinco soldados, quando chegaram pegaram munição, destravaram as armas e começaram a seguir Álvares. Continuaram correndo e atirando em todos que apareciam na frente de Álvares, uma granada foi lançada e nesse momento sua equipe abaixara no chão, esse momento foi crucial para a equipe perguntar o que fariam.

-Capitão para onde estamos indo?

-Estamos tentando chegar no pondo de comando do inimigo, acho que reconheci o capitão, mas não tenho certeza.

Quando foram se levantar da “trincheira” a metralhadora inimiga havia sido recarregada e atirava a todos que levantavam ou tentavam avançar. Um silêncio quase que instantâneo apareceu, nesse momento alvares e mais dois soldados avançaram em direção a exterminadora metralhadora, enquanto os outros três ficaram na retaguarda. Quando estavam próximos do soldado que apertava o gatilho da metralhadora, ele mirou em um dos soldados da equipe e conseqüentemente matou o soldado. O medo e a escuridão voltaram para alvares que havia se jogado ao chão quando a exterminadora recomeçou a soar. No chão ele tacou uma granada na direção do inimigo que explodiu e mandou a metralhadora e o soldado para o céu, um soldado ajudou alvares a se levantar enquanto os três que ficaram na retaguarda se aproximavam.

-A metralhadora se foi então temos tempo para avançar- alvares falou com certeza tranquilizando os soldados e a si mesmo.

Continuaram correndo e atirando, a cada minuto morriam soldados de ambos os lados que, naquele momento queriam voltar para casa e reencontrar seus entes queridos. Para alvares nada daquilo importava o importante era que ele de algum jeito achasse Victor e para isso tinha que acabar de um jeito ou de outro a batalha.

-Estamos quase chegando ao ponto de reabastecimento inimigo senhor- um soldado da equipe comentou.

-Quero que todos vocês quando chegarmos lá, que não atirem em ninguém e coloquem essas faixas brancas no ombro para simbolizar paz- falou alvares enquanto continuavam correndo.

Ao avançar o número de soldados inimigos aumentava e o número de soldados de alvares diminuía. Uma granada foi lançada em direção ao pequeno grupo que no momento perceberam.

-Granada!!, todos se abaixem!

Quando a granada caiu no chão todos ouviram o barulho, felizmente todos do grupo não haviam se machucado. Finalmente chegaram ao posto inimigo e como ordenaram colocaram a faixa branca nos ombros.

-Preciso falar com o seu capitão- Álvares dirigiu sua voz a um soldado que apontava a arma para sua equipe que ficava na entrada do reabastecimento. O soldado vendo a faixa branca os levou para dentro, posicionou Álvares na frente do capitão inimigo.

-Alvares? -Perguntou o capitão se dirigindo a ele e dando um abraço.

-Sabia que era você falcão- falou alvares também o abraçando.

-Temos que parar com essa loucura também somos da casa amazônica, mas estamos em uma missão especial de extração.

-Concordo- comentou o falcão fazendo um sinal com os dedos para um soldado que instantaneamente ligou o walkie-talkie passando a informação para suas tropas, alvares fez o mesmo.

O silencio havia voltado, e todas as tropas estavam descansando, Falcão e alvares ficaram conversando e bebendo um tempo recolocando o papo em dia. Alvares explicou sua busca ao Victor e que ele era o único que conseguiria descriptografar a mensagem.

No dia seguinte as cinco da manhã toda a companhia de alvares estava preparada e dentro dos carros para continuar a busca. Os motores haviam ligado e as rodas começaram a rolar, depois de alguns minutos o posto já tinha sumido isso significava que eles já haviam percorrido 10 km.

11 Jonatan (II)

O dia começou cedo para Jonatan, tinha que acordar as seis da manhã, hastear a bandeira, falar o hino na praça e depois ir para a escola. Tinha ido no carro da sua mãe pois sua mãe trabalhava ali perto como administradora de eventos para cidadãos verem Mumppe.

A hora do intervalo havia começado, Jonatan foi para a cantina e pegou seu lanche, estava bom como sempre sem falar da variedade de coisas gostosas que tinha lá.

-Imaginem o que a classe 3 tem para comer na cantina, não deve ser nada, talvez um pão velho com mofo. - Um aluno comentou, fazendo todos da cantina ouvirem e rirem, inclusive Jonatan, que odiava do fundo de sua alma as pessoas que não apoiavam Mumppe, no caso sendo a classe 3.

Depois de uma demorada aula de matemática, o período escolar de Jonatan havia acabado, “finalmente acabou” pensava enquanto passava pelo portão da escola, iria andando para casa hoje pois ou esperava a mãe terminar o trabalho uma hora depois de terminar sua aula ou iria andando.

Andou por cinco minutos e olhou para um por um portão que separava a Classe 3 da Classe 2, muitos oficiais ficavam lá durante horas, as vezes Jonatan via caminhões com muitos desertores dentro entrarem lá. Nesse dia foi diferente viu uma menina com aproximadamente sua idade olhar para ele, Jonatan nem olhou muito pois tinha nojo das pessoas que moravam do outro lado do portão.

A estrada era bonita, com flores e vegetações quase inexistentes, passava por uma lanchonete, logo sentiu um cheiro maravilhoso de hamburguer, sua comida favorita. O cheiro abriu seu apetite, e continuou andando para chegar em casa o mais rápido possível.

Agora dobrava a esquina de casa, e via as casas de seus vizinhos, todas com as bandeiras hasteadas, seu melhor amigo morava lá, perto de sua casa, ele não tinha ido na escola nesse dia então aproveitou para passar na casa dele para saber se estava bem. Tocou a campainha, a mãe dele abriu a porta e falou:

-Tudo bem Jonatan?

-Sim, Logan está bem? Ele não foi para a escola hoje.

-Ele não foi porque pegou uma gripe, é melhor você nem chegar perto dele para não pegar também.

-Obrigado pela precaução, então já vou indo, estou morrendo de fome.

-Thau então e Salve Mumppe.

-Salve – Jonatan respondeu enquanto continuou a andar pela rua de sua casa.

Ao chegar em casa, sua irmã estava do lado de fora da casa conversando com seu namorado, Jonatan não gostava tanto do namorado da sua irmã pois fazia piadas sobre ele, e que ele nunca seria um soldado sendo tão fraco e pequeno, mas isso já fazia meses, Jonatan começara a frequentar a academia todos os dias e agora estava mais forte do que ele.

-Falando no diabo olha quem apareceu.

-Cala a boca Axel.

-Tenha respeito do meu namorado Jonatan.

-Pode deixar irmã, nem queria estar falando com ele mesmo. - Jonatan falou isso enquanto entrava em sua casa e colocava sua mala da escola no sofa.

Quando olhou para a cozinha

12 Idris (I)

Já era o quarto ano desde que Idris assumira o poder de sua mediana porção de terra. Havia herdado o título de Marques Do Saara de seu pai, o maior, e primeiro Marques que a Casa Saariana já havia visto, falecido há precisamente quatro anos. Seu objetivo não era ser maior que ele, bem porque também não era possível, o povo ainda gritava seu nome nas ruas nessa data.

As multidões já estavam reunidas nas ruas. Na frente de seu grande castelo de concreto, como gostava de chamar, metade de uma massa reunida começava a gritar o

nome de seu pai e a outra metade gritava frases contra a guerra, a guerra que Idris havia provocado.

Ele se moveu até a janela e começou seu tão esperado discurso:

-Hoje completam 4 anos desde a morte de meu pai, Malik Saarian, o maior de todos os líderes saarianos. E, por conta de sua morte, entramos em guerra – Idris gritava pela janela. – Uma guerra porque os outros condes e marqueses não aceitaram sua morte. Mas olharemos para o mundo, uma guerra maior está à beira de acontecer, eu já me comuniquei com o norte, eles concordam comigo. – Gritou Dris pensando nos ataques nucleares no oriente médio e américa. – Nossas rotas comerciais foram abaladas, a Casa Maior do Oriente Médio foi atacada, assim como a Casa Maior Amazônica, pelas piores bombas já criadas pela humanidade. Hoje, deixaremos nossas diferenças de lado e iremos nos preparar para o pior. Hoje, o conde do norte virá até aqui, negociaremos uma paz temporária, nós precisamos de suas armas e eles de nossas tropas. Contaremos também com a presença dos líderes de nossa casa vizinha, a Casa Africana, e alguns líderes europeus. O mundo nunca esquecerá essa noite.

Gritos foram ouvidos por todos os lados vindos da multidão reunida na frente da fortaleza. Idris voltou para dentro, os líderes já estavam a caminho. Mas ainda nenhum havia chegado.

Várias horas se passaram, criados de Idris preparavam o ambiente para receber os convidados. Os brases das casas foram posicionados nas paredes acima das cadeiras no salão central. A grande mesa em forma oval tinha no todo 21 cadeiras, mas nessa noite só receberiam 7 líderes, então alguns braços direitos ou líderes da armada também foram convidados. Idris olhava tudo ser preparado de sua cadeira enquanto tomava um chá preparado na cozinha ao lado da sala. Até um criado entrar pela porta acompanhado de uma figura que Dris facilmente reconheceu como sendo Dominik Rotschild, chefe de estado da Casa Europeia, acompanhado de alguém usando o brasão do exército europeu e disse:

-Senhor, nosso primeiro convidado chegou. – Disse o criado enquanto Dominik olhava a sala.

-Permita-me apresentar-me senhor, Idris Saarian. – Dris se levantou e estendeu seu braço para Dominik.

-Dominik Rotschild, chefe de estado da Casa Europeia. – Ele disse apertando a mão de Dris.

-Nossos outros convidados estão prestes a chegar, senhor, meu criado mostrará o seu lugar.

-Obrigado. – Disse dirigindo-se ao criado que o levou até seu lugar.

Os próximos a chegarem foram Moura de Carvalho, presidente da Casa Amazônica; Vladimir Sergei, chefe de estado da Casa Russa; Zahir el-Faheem, vindo da própria

casa Saara, o Conde Do Norte; Liang Jinhai, líder da Casa Asiática; Lorenzo Stavros Montelli, vindo da Casa Mediterrânea; Kwame Diallo da Casa Africana e Robert Kingsley, líder da Casa Atlântica. Todos acompanhados de um ou dois braços direitos. Todos tomaram seus lugares antes de Dris dizer:

-Estamos todos reunidos aqui hoje, sob minha presença e sob a presença de todos nós, por conta das tensões nucleares recentes da Casa América. – Ele dizia enquanto se levantava. – Estamos sob minha presença principalmente porque não podemos confiar em ninguém. Qualquer um pode ser um informante de Mumppe, menos em meu solo. Ninguém entra aqui desde o começo da guerra civil, principalmente nessa cidade. Temos uma barreira comercial em todo o perímetro da cidade, só quem eu disser é bem-vindo. Por isso é uma cidade segura de espões. – Voltou a se sentar. – Todos aqui estamos sujeitos a sofrer ataques atômicos e nós sabemos por quê. A mensagem. Alguém aqui a decifrou? – A sala ficou em silêncio por uns poucos segundos até Dris voltar a falar. – Nada que for dito nessa sala, saí dessa sala, a não ser que alguém resolva trair nossa confiança.

-Minha nação decifrou. – Dominik disse quando se levantou.

-Podemos saber qual o conteúdo dela? – Dris perguntou.

-Nada de bom para o Mumppe. – Disse. – Não foi ele que mandou a mensagem, foi uma espécie de braço direito. O conteúdo pode impactar diretamente as nações de vocês, como já sabem, com risco atômico.

-Muitos de nós já sabemos o conteúdo. – Concordou Vladimir Sergei. – Acho que ele não precisa ser discutido aqui. O importante é a retaliação, usaremos ou não bombas atômicas? É isso que precisamos discutir.

-Sem armas nucleares, por favor. – Pediu Dominik. – Todos sabemos as consequências disso.

-Discordo. – Cortou Moura. – Tivemos centenas de milhares de mortos no ataque em São Paulo. Eu voto em retaliação nuclear.

-Senhor, por favor, todos nós sabemos que só está aqui por causa desse ataque, você não tem exércitos grandes o suficiente ou armas nucleares para retaliação própria. Então fique em silêncio e deixe os adultos conversarem. – Satizirou Vladimir.

-Senhores, por favor, sejamos técnicos. – Disse Dominik, Dris concordou.

– Sem bombas atômicas, mas precisamos de retaliação, quem vota a favor de uma retaliação? Dou 10 minutos para discutirem. – Disse Dris. Os líderes começaram a conversar com seus braços direitos, ao final dos 10 minutos, Dris disse -Senhores, o tempo acabou, quem vota a favor de uma retaliação?

-A casa asiática disponibiliza seus bombardeiros furtivos, invisíveis, para uso em retaliação. – Disse Liang. – A Casa Asiática vota a favor de uma retaliação.

-A Casa Europeia disponibiliza seu exército e poder público. – Disse Dominik. – Votamos a favor de uma retaliação.

-A Casa Saara disponibiliza seu espaço para reuniões estratégicas e montagem de tropas. – Disse Zahir – Votamos a favor de uma retaliação, se Idris concordar.

-Eu sou só um mediador, a decisão cabe a vocês. – Disse Dris.

-A Casa Amazônica disponibiliza tudo que for de bom uso. – Disse Moura. – Com certeza votamos a favor de uma retaliação, quero ver aquela Casa cair de joelhos.

-A Casa Atlântica disponibiliza entrada estratégica por solo e aéreo. – Disse Robert. – Votamos a favor de uma retaliação, não quero ver mais ataques.

-A Casa Russa disponibiliza suas tropas e armas. – Concordou Vladimir. – Decidimos votar a favor da retaliação.

-Senhores, por votação unanime, aqui nasce uma aliança poderosa. – Concluiu Dris. – Mas que fique claro, que isso levará a uma guerra sem precedentes.

-Só Deus sabe o que Mumppe faria se conseguisse fazer o que a mensagem diz, uma guerra é melhor do que isso. – Fechou Dominik.

-Alias, agora que temos uma aliança, conte para os que não sabem Dominik, o que há na mensagem? – Perguntou Moura.

-Um plano, que levaria ao domínio total de Mumppe no mundo. Que isso nunca aconteça. – Disse Dominik.

-E em que constituía o plano? – Perguntou Moura.

-A pior arma do mundo.

-Uma bomba?

-Uma crise.

13 Alvares (IV)

Álvares olhava pela janela de seu comboio enquanto a poluição no horizonte revelava que havia alguma cidade próxima ao decorrer da estrada. Não a mais de 30 quilômetros de distância. O motor rugia enquanto trocava de marcha para a pequena subida que havia logo afrente do comboio. Momentos após chegarem ao topo da colina que formava aquela formosa subida ele conseguiu ver o primeiro prédio, algo bem alto, quase um arranha céu que se estendia até o céu na paisagem. Ficou pensando como não o havia visto antes. Mas não pode fazê-lo por mais tempo que alguns segundos pois começaram a passar pela periferia da cidade.

Pela janela direita, a atmosfera passava de um dia ensolarado para um ambiente frio e melancólico.

-Então essa é a cidade em que nunca sorriem? – Perguntou Álvares para o tenente da 4ª brigada.

-Não, essa é a cidade que se você fizer contato visual você morre. – Retrucou.

-Então diga a seus homens para abaixarem o visor – ironizou seriamente.

O carro continuou. Álvares conseguia enxergar que quase todos andavam com algum tipo de armamento em sua cintura. Era membro da maior tropa de elite ocidental sul, era treinado para isso.

Todas as pessoas usavam algo em sua cabeça, alguns usavam capuz, outros bonés, mas sempre algo. “Não querem arranjar problema” deduziu. Não havia visto uma sequer pessoa desviar seu olhar para o comboio.

Conforme avançavam pela rua, desta vez plana, a não ser por uma leve descida que se revelava afrente assim como o prédio no horizonte ficava mais próximo, seu tenente puxou assunto:

-Não é estranho que ninguém tenha olhado para nós? – perguntou

-Não nesta cidade. – respondeu – repare na cintura deles, todos armados.

-Entendo eles, eu cresci no Rio, uma cidade no Brasil. É bem parecida com aqui.

-É uma bela cidade.

-Por uma certa perspectiva.

-Qual a sua perspectiva?

-Uma perspectiva de quem viveu o mundo do crime lá, uma perspectiva de quem perdeu o pai em uma luta por território entre as facções. Que convivia diariamente com o crime, que vivia em uma casa tão apertada que... – Foi interrompido por um disparo vindo de fora. Um rapaz, não tinha mais de 23 anos, segurava um revólver calibre 38 em direção a um homem caído no chão que se contorcia pela dor de ter levado um tiro. Os dedos do rapaz se direcionaram para a pequena alavanca que servia para recarregar seu revólver. O tenente encarou assustado pelo susto do tiro repentino por alguns segundos antes de dizer – Devemos intervir Álvares?

– Ainda não é nosso tiroteio, tenente. Mas fique de olho nesse desgraçado e ponha a mão no gatilho de sua pistola.

-Como ele tem coragem de fazer isso na frente de militares?

-Aqui na casa Andes, ser militar não significa nada além de levar uma arma, mas todos aqui tem uma igual. Ou seja, não há respeito a nós.

-Desgraçados.

O prédio estava cada vez mais próximo e alguns minutos se passaram. Seu tenente pareceu se importar com ele pela primeira vez:

-É um belo prédio.

-Concordo.

-Você o conhece Álvares? Porque parece que conhece cada pedra aqui.

-O conheço sim Rodrigues, eu sempre conheço o terreno antes de entrar.

-Por que ele está aqui nessa cidade?

-Foi construído como forma de aumentar o ego do prefeito a vários anos sobre o discurso de: Forma simbólica para acarretar na paz deste lugar, coisa que nunca realmente aconteceu como deveria. Lá moram os membros da classe mais alta da cidade, protegidos pela Muralha da Lua, como é conhecida. É uma muralha que separa as classes sociais mais ricas das mais pobres no interior da cidade.

-Passaremos por lá? – Perguntou.

-De raspão.

-Ótimo.

Continuaram o caminho pela periferia virando à esquerda para pegar a saída para Forte Del Andes enquanto Rodrigues e Álvares permaneciam em silêncio. Sobre a companhia de Álvares caía uma intensa chuva que respingavam nos vidros e que os faziam derrapar pela lama. Horas e mais horas haviam se passado, Álvares tinha se perdido pelos pensamentos tentava se lembrar de como que era o mundo sem guerra e sem casas nobres, era muito distante e quase cego aos olhos humanos e infelizmente não encontrou nada na vasta memória do passado que só olhava para o futuro, um futuro que pareceu distante, mas estava mais perto do presente e longe do passado.

Todos os veículos haviam chegado em Forte Del Andes, Álvares olhava para fora da janela e via o sorriso na cara das crianças e de suas famílias, bem diferente da cidade anterior que a única coisa que viam era tristeza e medo.

-Quem são vocês? - um cidadão perguntou enquanto Álvares saía do carro.

-Eu sou o Capitão Álvares do exército da Casa Menor Andes, e essa é minha companhia, estamos aqui porque temos uma missão de busca. -Disse Álvares. - Precisamos de um lugar para passar a noite pois vamos embora amanhã cedo.

-Claro, temos um espaço para montar acampamento se isso for de seu agrado.

- É perfeito. - Álvares exclamou pegando sua mala e avisando aos tenentes para todos se reagruparem e levantassem acampamento.

Álvares caminhou um pouco, viu ao seu lado um restaurante, com estruturas feitas com tijolo e pintado de branco onde subia uma grande coluna que segurava a parte do segundo andar, ele ficou impressionado com a fila de pessoas que esperavam para ser atendidas que impressionantemente ocupavam quase toda a esquina. Andou mais um pouco e viu que quase todas as casas eram iguais e as expressões dos cidadãos também. “Há muito tempo que não vejo pessoas tão felizes assim, acho que desde que começou a guerra” pensou alvares enquanto voltava a se encontrar com sua companhia.

À noite caía sobre o acampamento e a lua cheia começara a aparecer. Álvares estava dentro de sua cabana comendo um sanduíche que sua própria companhia havia feito. Se trocou e escovou os dentes passou pela cama e automaticamente lhe deu vontade de se deitar, mas tinha que ter uma conversa com os tenentes antes de poder descansar.

-Partiremos as cinco da manhã então quero todos acordados as quatro. -falou Álvares.

-Ok senhor, mas por onde passaremos? - perguntou um tenente.

-Passaremos por um lugar, um lugar vazio sem civilizações.

Após falar isso Álvares entrou em sua cabana e se deitou na cama, apagou a luz, fechou os olhos e adormeceu. Os sonhos de alvares naquela noite foram bem tranquilos o que o fizeram dormir tão bem que nem se lembrara da última vez que lhe aconteceu aquilo.

Todos acordaram no horário combinado, mas alvares acordara cinco minutos antes para começar a organizar as coisas. Dez para as cinco todos de sua companhia haviam entrado nos carros, alvares agradeceu o cidadão que indicou o lugar para dormirem e partiram.

Várias horas já tinham passado, mas a companhia só conseguia ver a vasta amplitude do novo ambiente que passavam. Os pensamentos eram esquisitos por causa do ambiente, muitos pensavam em solidão outros em que aquilo nunca acabaria e Álvares não pensava muito diferente... Nesse momento o soldado que estava dirigindo perguntou:

-Capitão temos alguma chance de sermos atacados?

-Temos uma pequena chance sim, mas as tropas andes só passam por aqui para pegar as armas que o Puerto Del Lua fabrica, e isso acontece normalmente a cada mês.

O soldado respondeu com a cabeça e continuou dirigindo, Álvares pensando sobre seu velho amigo rapidamente resolveu espiar o mapa da triangulação que o levaria a Victor. O mapa mais atualizado continha o raio interno de 10 km, na borda esquerda o círculo cortava ao meio uma vila conhecida como Resto Del Guerreiro, passando próximo ao ponto central passava a estrada que, em breve, passariam para chegar à vila. A

estrada contia pouca, ou nenhuma ramificação dentro do raio que poderiam levar a Victor. Talvez ele estivesse na vila, mas seria muito mais provável que não.

Olhou em volta, a noite já havia tomado conta da paisagem que, agora escura, era iluminada apenas pelas luzes dos faróis dos carros do comboio que iluminavam não muito mais que poucos metros afrentem dele.

Os segundos se tornaram minutos que se tornaram horas. Todos no comboio estavam dormindo menos ele e rodrigues, que dirigia o carro nesse turno. Álvares estava com o rosto encostado e virado para o lado, olhando para a escuridão. Resolveu olhar rodrigues.

-Álvares? Pensei que estivesse dormindo. – Disse em um sussurro alto.

-Não, eu estava pensando. – Disse ele no mesmo tom de voz.

-No que? – Perguntou Rodrigues sem desviar o olhar do volante.

-Não faz sentido termos sido atacados aquele dia. – Disse enquanto voltava seu olhar para frente.

-Como assim? Nos confundiram.

-Estávamos emitindo sinais nas frequências da Casa Amazônica e dos Andes, nosso comboio estava sinalizado para ambos os lados. – Conforme foi falando seu tom de voz aumentou um pouco.

-Falcão parecia estar fingindo? – Perguntou.

-Não, definitivamente não. – Respondeu Álvares. – Falcão sempre foi um bom amigo.

-Você sabe o nome real dele por acaso? – Questionou rodrigues.

-Não, apenas o conheço como Falcão. – Dizia.

-Descanse Álvares, amanhã é um longo dia, o dia em que chegaremos a Resto Del Guerreiro e o dia que encontraremos Victor.

14 Victor (V)

Era alguma hora da noite, Victor não podia ter certeza de qual. Seus olhos estavam semicerrados observando a escuridão do seu pequeno e agradável container. Victor só podia ter certeza de que era de noite por intuição, pois não sabia como chegar a uma definição de noite, assim como aconteceu com a definição de dia.

Não sabia quanto tempo havia se passado desde o momento que começou a refletir, sabia que pouco, mas não muito pouco.

Quando já estava com seus olhos completamente fechados. Sentiu um humano perto dele, lembrou-se de como é sentir isso, fazia tanto tempo que não sentia isso. Só depois algum tempo, ele percebeu o que significa ter um humano ao lado dele sendo que morava sozinho em Lugar Nenhum. Imediatamente seus olhos se abriram quase que instantaneamente. Viu ao lado de sua cama um homem que olhava para ele com uma expressão que era uma mistura de curiosidade com admiração. Prestou atenção com o que estava vestido, era um traje militar, ele segurava uma arma, nada que ele houvesse projetado. Se sentiu feliz por isso. Começou a pensar em como aquele homem havia parado ali, raciocínio que logo foi interrompido quando ele percebeu que havia mais de uma pessoa parada diante dele. Victor se assustou. Pulou de sua cama e tentou correr, movimento que foi barrado por um dos homens que o segurou. Victor começou a se debater até perceber que não adiantaria em nada. O homem então disse:

-Calma, calma. – Disse o homem

-Quem são vocês? – Berrou Victor assustado. Fazia muito tempo que não falava com outro ser humano

-Não se lembra de mim? Victor. -Disse o homem – Sou eu, seu velho amigo Álvares.

-Não conheço ninguém com esse nome. – Disse da boca para fora, sem nem ter tempo de lembrar dos ataques terroristas e do Tenente Álvares que certa vez havia ouvido no rádio.

-Então é verdade, Victor não se lembra de mim – Disse Álvares triste internamente e sem expressões externamente.

-Me lembro, na verdade eu me lembro. – Disse Victor, Álvares se animou com a possibilidade.

-Você não passou no rádio? – Victor então, retomou as memórias de seu velho amigo, com a vaga lembrança do rádio. – Álvares, da faculdade!

-Sim, sou eu. – Álvares desmoronou com a revelação de que ele se lembrava e partiu para abraçá-lo.

-O que faz em minha residência?

-Precisamos de você, Victor. – Disse ainda em lágrimas.

-Para que?

-Recebemos uma mensagem.

-De quem?

-Casa maior América.

Victor então, se perdeu nas lembranças sobre a casa América que o levaram a se lembrar de sua invenção. O maior motivo pelo qual estava isolado a tanto tempo.

-Saíam de perto de mim – Berrou Víctor, tomado pelo medo, medo de sua invenção, medo de ser usado como ferramenta, medo de perder seu novo velho amigo.

-Victor, precisamos que decifre a mensagem. – Disse Álvares.

-Qual a cifra? – Disse se acalmando.

-Não sabemos ainda, parecem várias camadas, só você pode nos contar.

-Qual o formato?

-Temos uma comunicação que é incompreensível.

-Me deixa ver. -Disse Victor.

-Primeiro Victor, vamos te levar para civilização.

Victor olhava em volta, contou 5 militares dentro de sua casa, ao passar pela porta, um corredor de militares que formavam uma extensa fila que o cumprimentavam. “Cumpriram uma longa missão.” Pensou, “Estão felizes”. Já fora da casa, Victor perguntou:

-É tenente Álvares certo? -Perguntou ele.

-É capitão, amigo. Recebi uma promoção antes de vir te buscar.

-Posso te perguntar algo, Álvares?

-Claro que pode, Victor.

-A bomba foi usada?

-Não.

-Que ótimo. Quem tem ela?

-Ninguém assume que teria o poder de destruir o mundo apenas com um clique, Victor, concorda?

-Sim.

Continuaram caminhando iluminado apenas pelas lanternas acopladas a ponta das armas. Álvares olhava para o chão enquanto caminhava e Victor parecia estar hipnotizado com as luzes distantes no carro. No chão havia uma mistura de pedras áridas com poeira, areia escassa. Era difícil para Victor pisar no chão, já que não o fazia a tempos. Álvares perguntou, ainda olhando para o chão:

-Desta vez, Victor, me deixa te fazer uma pergunta. Como conseguia comida e água? Do jeito que anda, parece que não sai aqui fora a tempos.

-Aparecia em minha porta de tempos em tempos. Nunca parei para pensar como acontecia, mas minha mente está mais clara do que nunca agora, então posso afirmar que algum morador caridoso a deixava em minha porta.

Novamente continuaram andando até chegarem à porta de um dos carros do comboio. Álvares disse segurando sua própria pistola pessoal pelo cano:

-Victor, isso é mais por mim do que por você, preciso ter certeza que estará seguro, por isso te entrego essa arma em um gesto de confiança. -Disse Álvares.

-Eu a aceito, mas não porque a quero, se for capturado, terei que ter certeza de que minha invenção morre comigo.

-Claro, amigo.

Victor pegou a pistola junto com sua bainha e a prendeu na cintura. Victor perguntou:

-Álvares, sabe que eu não sou bom com armas, qual o modelo? – Perguntou Victor, mesmo que não realmente quisesse saber o modelo.

-É uma das melhores, uma Desert Eagle. Apenas torça para não precisar usar, não é mesmo? – Deu uma risada forçada depois. – Sei que não é uma arma de campo comum, mas se vai empunhar uma arma, que faça com uma que imponha medo.

-O mundo agora virou um jogo de intimidação. – Disse pensativo.

-Não é isso que meus homens diriam se perguntasse a eles como foi o caminho até aqui. Mas se quiser aprender a atirar, é só perguntar para mim.

-Não precisa, Álvares. Eu passo por agora. -Olhou feio para sua arma depois de dizer isso.

Álvares não insistiu, apenas falou para seus homens começarem a dirigir. O carro não era pequeno, caberiam fácil umas... 4 pessoas lado a lado de forma confortável no banco de trás. Álvares começou a apresentar seus homens mais próximos:

-Victor, este é o Tenente Rodrigues, meu primeiro tente mais confiável, pode confiar nele para qualquer coisa.

-Olá Rodrigues. -Disse Victor.

-Victor, seja muito bem-vindo a tripulação – Disse Rodrigues. Com um aperto de mão.

-Obrigado.

-A viagem será longa, considerando o tempo que levamos para vir, levaremos no mínimo umas 4 horas, mas precisamos evitar certos caminhos, então pode contar 5. - Interrompeu Álvares.

Victor concordou com a cabeça. 5 horas. “Tempo o suficiente para pensar demais.” Pensou, sabia o quanto isso era perigoso, principalmente para ele. Mas talvez não mais agora. “Não, não”, não podia nem pensar na possibilidade de ainda ser perigoso o ato de pensar.

Victor voltou a olhar para sua nova pistola em sua cintura. Desert Eagle. Já havia ouvido dizer sobre, talvez a muitos anos atrás. Era pesada e difícil de segurar. Nunca gostaria de ter de atirar, nunca. Já havia atirado antes algumas vezes. Testando suas novas invenções, talvez ainda se lembrasse como fazê-lo. Olhou novamente, agora não mais com nojo, talvez com empatia. Provavelmente era rara, e Álvares o havia entregado sem nem precisar pensar. A segurou, continuava pesada. Passou um tempo estudando como abrir o compartimento de munições, e quando finalmente conseguiu, assegurou que estava cheio. Álvares percebeu o gesto e brincou:

-Parece que alguém está começando a gostar de sua nova arma, não é mesmo? - Brincou Álvares.

-Álvares, me ensina a atirar com ela. – Disse seriamente.

Álvares sorriu e mandou pararem o carro. Álvares passou algum tempo estudando o ambiente para montar um alvo. Após isso, chamou Victor, que estava sentado na borda do carro esperando para ficar ao lado dele:

-Victor, venha cá. – Disse Álvares.

Victor obedeceu, ainda estava de noite, mas Álvares tinha um lampião a gás que iluminava suavemente o ambiente em volta. A arma continuava em sua cintura. Assim que Victor chegou, Álvares começou:

-Pegue essa aqui primeiro para aprender. – Disse entregando outra arma, era uma pistola menor e mais leve. -É uma calibre .22, é melhor para aprender. – Disse Álvares.

-Claro. – Disse estendendo a mão para pegá-la.

-Primeiro a segure deste jeito aqui. - Álvares exclamou demonstrando.

-Pronto.

-Agora estenda seu braço e tenta se acostumar. – Continuou.

-Uhum.

-Agora carregue.

-Feito.

-Coloque sua mão no gatilho e aperte. – Disse com um sorriso no rosto.

Victor colocou sua mão no gatilho. Havia alguns militares atrás assistindo tal feito. Antes de atirar, começou a sentir sua memória muscular voltando a tomar conta.

Puxou o gatilho. Sua memória muscular havia retornado, nem havia sentido o recuo. O fez novamente e depois de novo.

-Ótimo Victor! Ótimo mesmo! – Disse Álvares comemorando. -Agora pegue a que eu havia te entregado antes.

Victor entregou a que segurava a Álvares e pegou a que repousava em sua cintura. Refez todos os passos. Os militares, atrás dele, pareciam mais animados do que nunca, murmurando entre si.

-Essa segure com as duas mãos. -Disse Álvares como um aviso.

Victor assentiu com a cabeça e estendeu seu outro braço para ajudar a segurar a arma. Carregou. Sua mão se levou para o gatilho quase que automaticamente. O puxou. Se ouviu um grande estrondo que deixou seus ouvidos zumbindo por alguns instantes. O recou o havia feito quase soltar a arma e machucados seus pulsos.

-Droga! – Murmurou.

-Por isso começamos com a mais leve. – Brincou. -Tente de novo.

Ele estendeu seu braço novamente. O manteve mais firme do que nunca. Sua mão se levava novamente ao gatilho. Pressionou. Novamente se foi ouvido o estrondo. Dessa vez segurou o recuo com mais firmeza. Seu pulso ainda doía do último disparo.

-Melhor, muito melhor. – Disse Álvares. -Esse é o básico, eu te ensino o resto depois, te prometo, mas por hoje precisamos seguir viagem.

-Sim. – Disse.

Os militares atrás se retiraram. Álvares e Victor seguiram até o carro trocando palavras sobre o exercício anterior. Quando chegaram no carro, abriram a porta e entram. Álvares falou:

-Teremos mais muitas horas de viagem, tente dormir um pouco.

-Vou tentar.

Momentos depois, o carro continuava atravessando as curvadas estradas sem asfalto. Alguns quilômetros depois. Victor pegou no sono. Estava sonhando com uma velha e apagada lembrança com o Álvares durante o tempo da faculdade:

Estava sentado em um banco ao ar livre à beira do prédio da física. Cansado, havia sido uma longa manhã no laboratório, muito embora estudasse física teórica, gostava de se voluntariar para ajudar em laboratórios.

-Álvares! Aqui! Álvares! -Gritou acenando, era seu amigo Álvares que o procurava.

-Victor! -Respondeu ao aceno e se voltou a andar em sua direção. O campus estava movimentado, era o horário pós almoço.

-Cansado Victor? - disse Álvares se jogando no banco.

-A física não me cansa, humanos sim. -Respondeu.

-Sabia que iria ouvir algo assim, mas enfim, depois eu que sou o esquisito.

-Claro que é Álvares, o português meio brasileiro que perde horas estudando estratégia militar, e o pior é que já estou quase pegando seu sotaque. -Disse dando uma risada leve no final.

-Tome esse Pastel de Belém Victor, sei que vai gostar. -Disse tirando-o da mochila.

-Você arranjou mais um? -Disse já com água na boca.

-Claro que sim Victor, sempre trago um para você. Foi bom o dia? Oque fez de bom hoje? - perguntou Álvares.

-Passei o dia no laboratório. Encontrei um caminho para possivelmente estabilizar o catalisador que permitirá liberar mais energia dos átomos em uma reação em cadeia. Já pensou isso em uma usina? E você Álvares? Perdeu o dia com mais militarismo inútil?

-Não o chame de inútil, estou me preparando para uma guerra que ainda está por vir. - Disse determinado.

-Tomara que essa guerra nunca venha.

-Mas voltando ali no que disse sobre os átomos, seria possível colocar em uma bomba? -Perguntou curiosamente.

-Seria, mas os resultados não seriam nada bons.

-O que aconteceria? -Perguntou.

-Em um ambiente normal, como aqui, seria apenas 2 ou 3 vezes mais potente que uma bomba normal. Mas se colocada no centro de uma explosão nuclear, isso amplificaria o resultado em dezenas ou quem sabe centenas de vezes. -Disse.

-Melhor nunca fazer isso. -Disse após ficar olhando por alguns instantes ao horizonte.

-Concordo.

15 Guth

16 Maya (II)

O dia já era segunda feira. Maya não tinha carro, por isso caminhava tranquilamente pela rua até sua escola. Atravessaria uma grande avenida. Teria que correr, o semáforo dava apenas 5 segundos para quem precisasse atravessar. Quando estava a cerca de 20 metros da faixa, o sinal se abriu. Precisava correr, não queria ter que esperar mais 5 minutos para o sinal reabrir. Começou a contar. 1. Ainda estava longe da faixa. 2. Ela se aproximava. 3. Chegou à borda. 4. Havia começado a atravessar. 5. O Sinal havia fechado, ela estava no meio da avenida. Os carros começaram a acelerar.

Maya corria muito, tudo que podia. 7. Não havia parado de contar. Um dos carros parou quando quase bateu nela. Ela correu e um dos carros a atropelou. O momento era obscuro em sua mente, só se lembrava de um impacto e cair no chão. Momentos depois se levantar, ainda atordoada e continuar correndo. Sua escola não tolerava atrasos, nem um minuto. Seu braço doía, o impacto havia se concentrado lá. Doía muito. Correu mais. Os portões abriam as 6:50, e fechavam exatamente as 7. E já eram... 6:55. Precisava correr, a escola ficava a mais 3 minutos a pé, se desse sorte. Caso contrário, poderia ultrapassar os 6. Isso seria ruim. Continuou a correr.

-Atenção cidadã. Onde vai correndo? – Havia esbarrado em um policial.

-Eu preciso chegar na minha escola, já estou atrasada. – Disse Maya apressada.

-Preciso revistar sua mochila. – Disse ele. Ela prestou atenção no distintivo, não era do departamento único policial, era da DVC, droga, havia esbarrado em um agente da DVC, o Departamento De Vigilância Civil.

-Quanto tempo isso vai levar? – Perguntou mais apressada ainda, e mais aflita, por se tratar de alguém da DVC.

-Um instante.

-Senhor, por favor, eu não estava fazendo nada, e acabei de ser atropelada, meu braço dói tanto. – E realmente doía. – Os portões fecham em 3 minutos ou menos.

-Vá, mas com um aviso.

-Muito obrigada, realmente. – Disse voltando a dar tudo de si para correr. Seu braço doía ainda mais.

Olhou para o relógio. 6:59. Droga. Já avistava a escola, não aguentava mais correr, precisava de água. Agora não. Não podia parar para beber água agora. A escola se aproximava cada vez mais. Hoje era dia de prova, não podia de jeito nenhum perder ela. Mais e... pronto, havia entrado. Estava destruída, seu braço doía muito e mal conseguia respirar, a aula começaria em alguns minutos, nem chance de passar na ala médica. Tentou alcançar a água em sua mochila, não havia água. Deveria ter deixado cair enquanto corria. Pelo visto teria que esperar até a pausa, em 3 horas, para comprar água.

Caminhou até o que chamava de Fila Desgraçada. Os alunos, enfileirados, deveriam entregar seus pertences pessoais e colocar um crachá. Ninguém sabia o porquê do crachá, deveria ter algum tipo de microfone. Suas mochilas seriam revistadas e ela finalmente poderia se sentar.

Chegou ao pé da fila, bem sua frente estava sua melhor amiga, pelo menos.

-Chegou em cima da hora hoje Maya. – Disse ela zombando. – Ouvi dizer que podem te punir até por isso.

-A DVC me parou hoje na rua. – Disse em tom seco com um leve gemido de dor. Ainda não conseguia respirar direito.

-Você parece mal, o que aconteceu com seu braço? – Perguntou ela enquanto encarava o braço da amiga.

-Fui atropelada, provavelmente quebrei ele. – Disse.

-Vá a ala médica, eles podem te dispensar. – Exclamou preocupada.

-Mas hoje tem a prova.

-É. Mas talvez com um atestado você não precise fazer a prova.

-Uhum. – Disse, substituindo palavras pois a dor já havia tomado elas.

-Toma. – Disse abrindo sua mochila. – Eu tenho essa camiseta extra, use como tipoia.

-Muito obrigada, mesmo. – Disse pegando a camiseta com seu braço não machucado e fazendo-a de tipoia.

Havia ouvido histórias de pessoas que sobreviveram dias na mata com braços quebrados, não deveria ser tão ruim assim apenas 10 horas de aula. Mas parecia bem ruim.

A fila continuou a andar por alguns minutos até alcançar Maya.

-Nome? – Perguntou o instrutor.

-Maya Dawn Whitaker.

-Coloque seus pertences na caixa.

Maya abriu sua mochila removendo seu telefone celular e chaves de casa.

-O livro também. – Disse ele que havia visto um livro que Maya levava a mochila.

-Mas é para os tempos livres. – Protestou ela.

-A escola não permite pertences pessoais tirando os que estão na lista de matérias, se quiser posso te lembrar dela.

-Não será necessário. – Disse ela, tirando seu livro da mochila. Sua amiga a esperava logo depois do instrutor.

-Esse livro é legalmente permitido? – Perguntou ele.

-Sim, é. – Disse ela desacreditada que ele desconfiava que ela traria livros ilegais.

-Terei de verificar, pode passar, caso descubra algo, será chamada a diretoria.

-Claro.

A cancela se abriu. Maya passou por ela enquanto avançava para a escola de verdade. Os corredores iluminados por fortes luzes artificiais eram longos. Não continha janelas. A sala de aula ficava mais duas salas afrente, do lado do laboratório e da escada que elevava a escola a mais andares.

Continuou andando. Conseguia respirar agora, mas isso não aliviava a dor do braço.

-Vão entrando. Bom dia a todos. – Era sua professora, Alina Krauss, a única em quem confiava.

-Bom dia D. Alina. – Disse Maya, mascarando a dor.

-Bom dia Maya, seu lugar hoje é o 14 c. – Disse ela. – O que aconteceu com seu braço?

-Fui atropelada, deve ter quebrado.

-Terminando a prova você vai na ala médica, tudo bem? – Disse preocupada.

-Sim. – Disse. – E onde vai se sentar Isa?

-Vocês duas são realmente inseparáveis né? – Disse sorrindo. – Por isso, coloquei ela no 14 b, do seu lado.

-Muito obrigada, D. Alina. – Disse ela animada. Sorriu pela primeira vez depois do impacto, a dor parecia inexistente agora.

Maya seguiu até a 14 c, ficava bem no meio da sala, isso significava que a câmera 360 estaria bem acima dela. Não gostava disso. A mesa não era muito grande, o suficiente para apoiar os dois braços, era levemente inclinada para baixo. No canto superior direito estava a câmera individual com uma pequena área desenhada onde não poderia colocar nada, para aumentar a visibilidade da câmera. No outro canto estava um fio que deveria conectar no seu dedo, isso serviria para medições para provar que está prestando atenção.

-A prova está sendo entregue, por favor não virem ela até eu terminar de entregar todas. – Disse a professora.

A professora passou por Maya e a entregou a prova, estava virada. Maya nem podia cogitar a ideia de virar antes, estava bem abaixo da câmera.

Algum tempo se passou até a professora dizer:

-Boa prova a todos, já podem virar e colocar as informações pessoais. – Disse ela.

Maya virou a prova. Nome: Maya Dawn Whitaker. Data: 17 de abril de 2044. Registro Escolar: 2140. Gênero: Feminino. Email: MayaDawn16@classe3.com. Precisavam realmente de tantas informações?

Leu a primeira questão, sabia que essa cairia. Seu braço já havia voltado a doer. Sua letra parecia a de uma criança pois não era ambidestra e o braço quebrado era seu braço dominante.

Uma hora e meia se passaram, Maya havia terminado a prova. Agora seria finalmente o intervalo. Ela deixou a sala, Isa ainda não tinha terminado. Teria que lanchar sozinha hoje, mas lhe parecia melhor passar na ala médica, Isa entenderia.

A enfermaria ficava subindo as escadas ao lado da sala, assim como a quadra coberta e as series primarias. Subiu a escada devagar, o intervalo era as 10 horas. Olhou no relógio, 10:05, a enfermaria estaria aberta agora. No final da escada estava o corredor do andar superior, a sua direita levaria a ala do fundamental 1, a esquerda a enfermaria.

Virou à esquerda e andou até a enfermaria no final do corredor, que se encontrava cheio por conta do intervalo. O pessoal no corredor era do primeiro fundamental, apenas crianças, por hora cegas a ditadura, cegas a classe 3. Ela entrou na enfermaria. Lá dentro tinha algumas

cadeiras e um médico escolar, não seria o melhor médico que ela encontraria na vida, mas serviria por agora.

-Olá estudante, o que a traz aqui? – Disse o médico olhando para ela calmamente.

-Acho que quebrei meu braço. – Disse Maya com dor.

-Se sente ali. – Disse ele apontando para uma cadeira.

Maya se sentou. O médico pediu para ver seu braço.

-Onde está doendo? – Perguntou ele.

-Bem aqui. – Respondeu ela apontando para uma parte em seu braço.

-Me diz se dói se eu apertar aqui. – Perguntou ele enquanto procurava uma área específica do braço.

-Dói. – Respondeu ela com a dor no braço elevada.

-Bom, eu não tenho um raio x aqui agora, mas me parece que você realmente quebrou. Vou fazer um relatório e um gesso.

-Eu serei liberada?

-Isso não justifica a liberação.

-Entendo.

O médico começou a preparar o gesso, por cima de seu braço passou uma camada de algodão e começou a enrolar o gesso, antes de molhar e moldar ele.

-Com qual braço você escreve? – Ele perguntou.

-Com esse mesmo. – Respondeu ela. – Realmente não há nenhuma chance de eu conseguir um atestado?

-Infelizmente não.

-Sim...

O médico continuou trabalhando no braço por algum tempo, quando pareceu terminar, ele disse:

-O gesso está pronto, alguns avisos importantes são para não molhar de jeito nenhum, não mexer muito e caso você sinta muita dor retornar a qualquer médico que seja hábil.

-Obrigada. – Disse ela. – Posso ir agora?

-Pode, mas cuidado com o gesso, ele vai levar alguns minutos para terminar de secar.

Ela assentiu com a cabeça e se levantou, o médico a havia entregado uma tipoia para apoiar o braço, pelo menos isso. Olhou no relógio, 10:30. Não conseguiria lanche hoje, já estava atrasada para a aula. Desceu correndo para pegar as suas coisas no armário para ficar pronta para a próxima aula.

Seu armário era o terceiro do corredor, não podia ser trancado e passava por inspeções diárias da DVC. Dentro estava alguns materiais que usaria para a próxima aula e itens de higiene

peçoal. Antigamente ela tinha alguns livros, mas teve que removê-los por questões de novas leis escolares, a mesma que fazia ela ter que entregar o livro na porta.

Com os materiais na mão, Maya seguiu pelo corredor até a sala da próxima aula. Ainda teria mais 7 horas de aula. Não gostava disso, não mais desde quando os livros foram banidos. Como estaria Isa? Não a via desde que havia ido ao médico. Ela deveria estar na classe.

Olhou em volta, 14 b, não havia ninguém no 14 b. Não era possível que Isa faltaria uma aula, isso era motivo o suficiente para reprovar, não, ela deveria estar em algum lugar. Mas não agora, agora ela deveria comparecer a aula. Que se dane a aula, onde está Isa? Mas e se ela reprovasse? Quem se importa com reprovar? Maya ainda teria direito uma prova para avançar de ano caso isso acontecesse. Isa?

Olhou em volta, todos já estavam na sala, ela já estava sentada na 14 c. Isa não estava em lugar nenhum. Onde estaria Isa? Não, não.

-Professora, posso ir ao banheiro? – Perguntou aflita.

-Mas você acabou de voltar do intervalo Maya. – Respondeu sem desviar o olhar.

-De acordo com a legislação eu tenho direito a ir ao banheiro, e eu estive na enfermaria nesse intervalo. – Respondeu ela.

-Vá, mas volte logo. – Disse a professora.

Maya correu para fora da sala. Onde estaria Isa? As câmeras estavam observando cada movimento de Maya, saberiam se não fosse ao banheiro. A escolha lógica seria ver se Isa estava no banheiro ou não.

Chegando ao banheiro Maya procurou por cabines fechadas. Quase todas estavam abertas. Não havia câmeras lá.

-Isa? – Ela disse em tom alto.

-Maya? – Respondeu alguém com voz chorosa na última cabine. Era Isa, Maya reconhecia a voz.

Maya correu até a última cabine.

-Isa, o que aconteceu? – Perguntou Maya realmente preocupada.

-Eles... Eles tomaram tudo de mim. – Respondeu ela.

-Eles quem?

-A DVC. a DVC estava me investigando por compra de itens ilegais... Eles acham que eu...
– Ela soluçava.

-Eles acham oque? – Maya continuava preocupada.

-Acham que eu adquiri... drogas ilegais.

-E você adquiriu? – Perguntou Maya.

-Fui obrigada, Maya – Continuou. – A culpa não foi minha, eles me ameaçaram. Eles queriam a droga para eles.

-Quem?

-Uns garotos, eu não sei quem são. Me ajuda Maya, a DVC quer me prender. – Começou a se acalmar.

-O que eles querem roubar de você Isa? A DVC. O que querem roubar de você?

-Querem me prender. Mas eu fui obrigada, eles tinham uma arma, uma de verdade.

-Vamos impedir isso Isa. Mas você sabe quem são os garotos que te usaram para conseguir droga?

-Não, eles estavam com balaclavas.

-E como eles eram? Altos? Baixos? Quantos eram?

-3, tinha 3.

-Já é um começo. A DVC chegou a entrar em contato com você?

-Eles estão me procurando, querem saber tudo, eles não acreditam em mim.

-Que tipo de droga era? Onde conseguiu? Como a DVC descobriu?

-Eles denunciaram, aqueles idiotas denunciaram para a DVC.

-E como conseguiu?

-Era algum lugar pobre de Stoneview, em um beco, eles me levaram e deixaram lá. Quando estava saindo, já tinham me denunciado.

-E isso foi quando?

-No intervalo, eu fui comprar um lanche e eles estavam lá e me apontaram a arma.

-E por que voltou para a escola?

-Talvez só você me entendesse, sabia que viria me procurar. – Voltou a chorar.

-Calma, calma. – Disse. – Olha aqui? – Disse segurando o crachá.

-O crachá?

-Tem um microfone. Eles vão entender, eles viram o quanto está desesperada, eles não entender.

-Tem certeza?

-Tenho, vamos a diretoria.

Maya ajudou Isa a se levantar. Saíram do banheiro e andaram até chegar na diretoria. A porta dupla de madeira com vidro continha uma placa grande e clara que sinalizava isso. Prosseguiram para dentro. Lá estava a diretora trabalhando em seu computador.

-Não fui avisada sobre a presença de vocês meninas, o que fizeram de errado. – Disse sem desviar o olhar. – Isadora? Você está sendo procurada por compra ilegal de drogas ilícitas e está presa. Vou avisar a polícia sobre sua presença.

-É sobre isso que viemos falar. – Disse Maya. – Isa é inocente.

-Vocês não têm provas. – Disse com a mão no rádio.

-Veja o meu microfone no crachá, lá tem tudo. – Disse ela.

-Me entregue. – Disse a diretora fazendo um sinal com a mão.

Maya entregou o crachá, agora finalmente isso acabaria. A diretora segurou o crachá e em um ato repentino o quebrou.

-Ops. – Disse. – Os microfones não são conectados ao sistema, eles só têm um sistema interno que armazena os dados em um micro cartão e parece que esse se foi. – Disse. – Como íamos falando, Isadora, você está presa e será detida legalmente, tudo que disser ou tentar fazer poderá ser usado contra você no tribunal. Você tem total direito de permanecer calada.

Maya estava paralisada. Não podia ser. Era para ajudarem elas. Isa não tinha feito nada de errado, tinha sido obrigada, apontaram uma arma para ela, isso não era justo. Não poderia ser.

-Atenção, Isadora está detida em minha sala. – Disse a diretora pelo rádio diretamente para a polícia. – E quanto a você, Maya, é cúmplice?

Maya gelou.

-Não senhora.

-Então está liberada, saia daqui antes que eu mude de ideia.

-Não senhora. – Disse ereta. – Isadora é completamente inocente quanto a esse ato e foi obrigada sob armas a comprar a droga.

Isa olhou para Maya.

-Como disse antes, vocês não têm provas, não vejo um crachá em Isadora. – Disse olhando para Isa. – E saia daqui antes que eu te acuse de cumplicidade

-Vá, Maya. – Disse Isa. – Eu vou ficar bem.

-Eu prometo que vou te tirar de lá, Isa. – Disse. – Prometo.

-Adeus.

-Adeus.

Maya deixou o recinto. Não conseguiria mais ter aula. Mas era obrigada a fazê-lo. Chegando na sala, sua professora disse:

-Por que demorou tanto?

-Estava ajudando a minha amiga.

-Ela será presa.

-Eu sei, mas vou impedir.

Todos olharam para Maya, desacreditados e meio zombando dela. Mas ela sabia que conseguiria, pelo menos esperava isso, mas sabia que precisava. Por Isa e por ela mesma.

17 Álvares (V)

Ao abrir os olhos Victor olhou para o lado e viu seu amigo Álvares, falando com seu tenente e definindo rotas para ir a um lugar que ele ainda não falara. Á frente havia 2 soldados um dirigindo e o outro com uma arma no colo, a arma era preta com uma ponta meio arredondada,” provavelmente a arma esteja com um silenciador” pensou.

-Álvares para onde estamos indo? - perguntou Victor

-Estamos indo em direção a casa amazônica, temos uma coisa para resolver por isso te procurei, mas te falo mais detalhes quando chegarmos no meu avião- respondeu Álvares dirigindo seu rosto a Victor.

Álvares parecia estar meio sério, pensava em uma coisa que acontecera enquanto Victor dormia, avioes da casa andes haviam passado, de preferência avioes de reconhecimento, uma estratégia usada para armarem uma armadilha. Ele não queria falar para Victor que talvez sejam atacados pelo exército andes pois Victor traumatizara com a guerra por isso estava isolado, mas ele sabia que sua companhia era muito bem treinada, mas ainda tinha um medo pois estavam em solo inimigo e poderiam chegar reforços a qualquer minuto enquanto os reforços amazônicos demorariam horas.

Victor agora olhava para fora do transporte vendo as árvores ressecadas que apareciam e sumiam pela pressa que a companhia andava. Ele sabia que tinha algo de errado com Álvares, mas não sabia o que.

Os minutos passavam quase que instantâneos para Victor, mas passavam lentos para Álvares que a cada quilometro que passava ele ficava mais atento e fazendo sinais para toda a companhia, sinais que Victor não compreendia mais, pois havia esquecido da aula de linguagem de sinais há muito tempo.

- Senhor algo apareceu em nosso radar!!!- gritou o soldado que estava em um dos bancos do caminhão que Victor e Álvares estavam.

- Senhores carreguem as armas!!!! - gritou também Álvares para todos que estavam no caminhão do exército, e fazendo um sinal para que todos os soldados da companhia fizessem o mesmo.

- O que está acontecendo? - perguntou Victor enquanto Álvares chegava perto dele para lhe dar informações.

- Victor acalme-se não saia do caminhão em motivo algum, fique aqui dentro e não se desespere, estamos sendo atacados.

Ao falar isso Victor ficou imóvel lembrou de sua invenção e de tudo que o perturbava. Viu Álvares fazendo um sinal para que todos os soldados saíssem, quando todos saíram, Victor só conseguia ouvir barulhos de tiro, estrondos de granada e gritos de soldados por todo lado, neste momento um tiro atravessou o caminhão passando bem perto do rosto de Victor fazendo-o cair no chão por causa do barulho que quase fez ele ficar surdo.

Pensou que não poderia deixar Álvares e seus soldados sozinhos, tirou do bolso a arma que Álvares havia lhe emprestado e saiu do caminhão.

Nesse momento Álvares estava recarregando sua arma e se protegendo a traz de uma grande pedra que estava no meio do tiro cruzado, um soldado estava ao lado dele, ele se levantou e saiu agachado atirando, mas acabou sendo atingido por um tiro na cabeça, Álvares pensou: "porque tantas mortes, porque só se acaba uma discussão com armas?" seu pensamento foi parado por uma granada que explodiu perto dele mas não o machucou.

Os tiros continuavam por toda parte, e não paravam de chegar caminhões de reforços inimigo, a companhia começou a ir mais para traz cada vez mais perto dos caminhões.

Quando Victor saiu do caminhão ele se deparou com uma batalha que se estendia por muitos metros, talvez chegasse a quilômetros, não tinha certeza. Mas agora a companhia estava recuando para os caminhões enquanto criavam um cerco de atiradores por todos os lados. Victor viu um soldado que estava arrastando Álvares, nesse momento ele ficou assustado pensando no pior, ele foi correndo tentar ajudar o soldado

nesse momento apoiou Álvares em um dos pneus dos caminhões, Victor chamou os soldados médicos que logo vieram ajudar.

-Álvares você está bem?

-Levei um tiro na perna, mas já sofri coisas piores, só que agora não conseguirei andar direito- Falou Álvares com uma das mãos segurando o sangramento da perna enquanto os médicos cuidavam dele. -Victor eu falei para você ficar lá dentro- Álvares falou quando viu Victor plantado lá de pé com a arma na mão.

-Não consegui me controlar, senti que precisava ajudar- Victor respondeu com entusiasmo.

-Victor mandei uma mensagem para bombardeiros da casa Amazônica que estavam perto, eles estavam indo para uma guerra que está acontecendo na fronteira, e um deles conseguiu mudar a rota sem atrapalhar e está vindo ajudar, ele deve chegar em uma hora então aguarde o máximo que conseguir.

-Sim, mas estamos falando agora de quantos inimigos? - perguntou Victor olhando para frente e tentando calcular quantos soldados inimigos havia.

-Não sei dizer, mas no começo eram 300 contra 500 nossos, mas agora devem ser 850 contra 400.

-Nossa!! tivemos tantas baixas- respondeu Victor com o rosto pensativo.

-Tivemos infelizmente, mas desde o início todos sabiam da missão, levar você para a casa amazônica mesmo que custasse muitas vidas, não pudemos impedir essas mortes, mas podemos evitar as que estão por vir. Agora tente ganhar tempo para eu conseguir pelo menos andar e tirar a gente daqui.

-Sim senhor- respondeu Victor avançando para a linha de frente onde estavam posicionadas metralhadoras e até lança foguetes que não paravam um minuto de atirar.

Ao chegar lá, viu muitos soldados caídos no chão para a frente das trincheiras, inclusive inimigos. Quando chegou perto de um dos soldados, o soldado perguntou:

-Senhor o que faremos? Eles não param de avançar e nós não trouxemos munição infinita, talvez se tivermos chance, ainda temos uma ou duas horas de munição, não mais do que isso.

-Seu capitão me informou que ele conseguiu contatar um bombardeiro que está a caminho e que devemos aguentar o máximo possível- respondeu Victor enquanto deu vários tiros forçando-o a recarregar sua arma.

-Mesmo que um bombardeiro esteja vindo nossos informantes falaram que tanques do modelo Abrams M1A1SA estão vindo para acabar com a gente.

-Então vamos torcer para que a gente saia daqui antes.

Depois de uns trinta minutos Victor voltou para ver se Álvares estava melhor, chegando lá ele já estava de pé com vários tenentes uma espécie de reunião estava acontecendo.

-Obrigado equipe cinco por se oferecer para aguentar eles até que todos entrem nos transportes.

-Como assim? - Victor perguntou curioso.

Nesse momento os tenentes fizeram um sinal de saudação com as mãos e começaram a se afastar para a linha de defesa, enquanto Álvares se aproximava de Victor para lhe falar o que estava acontecendo.

-Quando o bombardeiro estiver chegando a equipe cinco vai assegurar a nossa retaguarda para que todos entrem nos transportes dando tempo para nós saímos.

-Por que a equipe cinco?

-Eles são a equipe mais bem treinada e a mais experiente, o tenente deles é o Falcão -Mas nós vamos deixar eles aqui? - falou Victor assustado pensando que tudo aquilo era culpa dele.

-Não, eles são bem rápidos, deixaremos um veículo para eles uns 100 metros de distância atrás de uma pedra, para eles entrarem e saírem antes do bombardeio começar na região, e então eles nos alcançaram mais para a frente e então continuaremos nossa viagem por outro caminho.

Depois de falar isso Álvares começou reunindo soldados dos grupos um e três para ajudarem a colocar todos os feridos em dois dos caminhões com equipes médicas dando suporte.

Exatamente uma hora tinha passado e Álvares recebera uma mensagem que o bombardeiro estava a dez minutos de onde ele estava, vendo isso ele começou a gritar e avisar os tenentes para irem para os transportes. Faltando cinco minutos todas as equipes estavam dentro dos transportes menos a equipe cinco que nesse momento assegurava as forças andes para eles escaparem. Ele avisou todos os transportes e eles partiram cada um a 100 km por hora tentando se afastar o máximo possível.

Depois de alguns minutos a companhia viu o bombardeiro lançando suas bombas a alguns quilômetros a frente, passaram-se poucos minutos e nada de alguma resposta da equipe cinco.

-Será que eles sobreviveram? - falou Victor aflito enquanto Álvares pensava e tentava se comunicar com a equipe.

-Cambio, equipe cinco na escuta? Cambio- Álvares tentava se comunicar no radio, mas até agora nada respondia.

- Álvares na escuta, aqui é a equipe cinco estamos bem, mas tivemos muitas baixas, estamos no quilometro 630, estamos chegando, cambio desligo.

Todos ficaram alegres com essa notícia e pararam os transportes para esperar a última equipe.

Estava de noite quando a equipe chegou e todos continuaram a viagem na longa e estreita estrada, Victor estava dentro de um dos caminhões junto com Álvares, que estava sentado jantando uma marmita de sua companhia.

-Álvares por que você veio me procurar? - perguntou Victor virando-se para Álvares.

-Victor muita coisa aconteceu enquanto você estava isolado.

-Eu sei disso ouvi notícias no radio a algumas semanas.

-Então isso não é mais segredo. A algumas semanas recebemos uma mensagem criptografada que veio da casa América, nenhum de nossos especialistas conseguiu descriptografar, pensei que provavelmente a pessoa que enviou essa mensagem teve aulas com o mesmo professor de criptografia que você, porque só duas pessoas no planeta tiveram aula com ele, você era um deles, infelizmente como você sabe o seu professor morreu faz dois anos.

-Ainda me lamento pelo professor Calderón, mas não me lembro dele ter outro aluno.

-Investigamos isso e descobrimos que um ano antes de você começar a ter aula com ele, o neto de Calderón estava estudando isso com o próprio vo. -afirmou Álvares dando outra garfada em sua comida.

- Entendi... Então vocês querem que eu descriptografe a mensagem?

-Justamente isso.

-Mas porque você já não passa a mensagem para eu ir descriptografando?

-Então, todas as casas do mundo estão tentando descriptografar, por isso devemos te levar em segurança para a casa amazônica, porque começaram várias guerras no oriente médio e em partes da Europa sobre esse assunto.

Álvares terminou a conversa com Victor e foi dormir para estar disposto para o dia seguinte. Victor e toda a companhia foi fazer o mesmo, menos os soldados que

estavam dirigindo e os copilotos que estavam sempre de olhos abertos tomando cuidado com qualquer chance de ataque inimigo.

Por volta das sete da manhã todos já haviam acordado, mas Álvares acordara uma hora antes vendo qual rota era a mais rápida. Nesse momento da viagem eles já haviam percorrido dois terços do caminho para chegarem ao aeroporto de (Nome da cidade).

-Álvares como está a sua família, quanto tempo que não vou a antiga Portugal.

-Eles estão bem, não te contei, mas eu tive um filho a dois anos o nome dele é Dinis de guerreiro.

-Parabéns Álvares, ele deve ser igualzinho a o pai. E quem é a mãe?

- O nome dela é Constança Belmonte.

-Não vai me dizer que era a quela da faculdade que você sempre gostou.

-É sim

-Eu sempre sabia que o relacionamento de vocês ia dar certo.

Passaram-se horas e mais horas quando chegaram ao aeroporto de (Nome da cidade). O avião estava posicionado no mesmo lugar que Álvares havia pedido e lá estava uma equipe de homens fortes e robustos protegendo a aeronave.

-Todos entrem no avião. - gritou Álvares para que todos ouvissem.

Victor entrou no avião acompanhado com os tenentes e logo em seguida entraram os soldados. Quando todos estavam sentados e estabelecidos em seus lugares, o avião começou a pegar velocidade e levantar voo. Lá estava Victor sentado pensando que não imaginava que voltaria a São Paulo uma cidade que a muito tempo vivera aprendendo algo que no futuro atormentou bastante, mas que criou no tempo de estudo uma aliança para o resto da vida.

Neste momento depois de quatro horas cruzaram a fronteira e agora estavam oficialmente na casa Amazônica, o alívio apareceu em todos os rostos pois agora tinham uma chance minúscula de serem atacados. Finalmente depois de mais algumas horas, o piloto avisou que pousariam em 2 minutos, isso passou instantaneamente para Álvares e Victor, Victor pensava nos ensinamentos de seu professor, pois já tinha que preparar a mente que a muito tempo não pensava em descriptografar algo, enquanto Álvares torcia para que não havia acontecido nenhum ataque terrorista em São Paulo de novo.

Ao pousar, abriram-se as portas do avião, o segundo a sair foi Victor que neste momento sentia o belo vento, frio e úmido de São Paulo.

“Agora é hora de trabalhar” pensou Victor enquanto entrava no carro para enfim chegar no quartel e começar a desvendar a coisa que era a mais importante no mundo agora.

18 Álvares (VI)

"Não há decisão que não carregue o peso das consequências."

— *Barack Obama.*

O quartel general se aproximava, já estavam na Casa Amazônica, Álvares reconhecia o quartel, o mesmo de onde havia visto a explosão semanas antes. Chegando ao portão que estava ligado a uma cerca que cobria todo o perímetro da base, Álvares disse:

-Soldado, temos feridos, transferir o caminhão número 4 e 5 para a ala médica, eu preciso de uma conversa com meu Major, assuntos internos.

-Número de identificação.

-Companhia 21, contendo as brigadas de 3 a 13, número de identificação: 40149479.

-Liberados. Álvares certo? Completou a missão?

-Sempre.

-Onde está a brigada 5?

-Deve chegar em uma ou duas horas.

Enquanto a conversa acontecia, Victor observava tudo quietamente, sentado ao lado de Álvares e Rodrigues.

Algum tempo se passou até a conversa entre Álvares e o Major começar. A sala estava bem iluminada por luzes artificiais no teto. A única janela estava obstruída por cortinas e bem afrente dela se encontrava o Major de Álvares em sua mesa. Álvares iniciou perguntando:

-Vamos pular as formalidades Major. Como está São Paulo? Se recuperando?

-Decadente, ninguém esperava por isso.

-Preciso que me leve lá Major, eu preciso ver com meus próprios olhos.

-Me desculpe Álvares, mas é extremamente radioativo.

-Eu faço questão.

-Certo então, mas você terá de arcar com as consequências. Quando Álvares?

-Agora mesmo Major.

-Pegue suas coisas Capitão, partiremos agora mesmo.

-Ótimo.

O Major saiu acompanhado de Álvares por entre os corredores até chegar ao estacionamento militar, onde o Major mandou Álvares subir ao veículo. Partiram em direção ao epicentro da explosão. O carro fora usado anteriormente para mover tropas médicas em direção ao epicentro, por isso já estava ocupado com equipamentos a caráter. O contador geiger aumentava conforme passavam pelas ruas, hora ocupadas, vazias.

No começo, quando o contador ainda se mantinha baixo, apenas havia algumas janelas quebradas. Mas conforme avançavam, as casas e prédios ficavam cada vez mais destruídos, até avistarem, ao longe, o epicentro completamente vaporizado.

-Não poderemos avançar mais Álvares, a radiação seria letal. -Disse o Major.

-Letal... Bem estamos bem próximos da minha antiga universidade. Podemos passar lá para ver? -Perguntou com segundas intenções.

-Claro que podemos, Capitão.

-Major, está um pouco dentro da zona letal, mas se só passarmos rápido não há problema algum certo?

-Talvez não, seria letal se fosse exposto por mais de 1 hora. Se você insiste.

-1 hora... claro, mas você poderia me dizer um pouco sobre a explosão?

-A explosão afetou os sistemas de energia e água da zona sul e leste por tempo indeterminado, tivemos que usar a rede de Guarulhos para suprir as necessidades dessas zonas, as regiões mais afetadas pela explosão foram a central e norte, a oeste precisou suprir as necessidades das outras 4.

-Foi bem grave Major, quantas baixas tivemos?

-Milhares, ou dezenas de milhares vai saber.

-Vamos continuar Major, o caminho é longo.

-Certamente.

O carro continuou andando por poucos quilômetros até chegarem aos escombros do que, um dia, foi a universidade em que estudou. Álvares desceu do carro fingindo emoções para guiar o Major para dentro do prédio da física.

-Álvares, vamos, já estamos muitos expostos.

-Claro, só pode vir aqui rapidinho, preciso te mostrar um negócio.

O Major andou até Álvares que com um golpe certeiro o imobilizou e o desacordou rapidamente usando pontos de pressão. Algum tempo se passou, o Major acordou preso em uma cadeira no interior do prédio da física. Havia um walkie-talkie em sua frente.

-Olá Major. -Disse Álvares pelo walkie-talkie. -Seja bem-vindo a zona letal de radiação.

-Por que está fazendo isso comigo?

-Chama-se tortura Major, mas eu não sou do tipo que faz tortura usando dor física, esse tipo é bem pior. Radiação, conhece? Não tem cheiro, não tem gosto, não tem dor, apenas a certeza de que terá consequências permanentes se ficar exposto por tempo o suficiente, então acho bom você ser breve em me responder. - Disse. -Por que fomos atacados na Casa Dos Andes quando estávamos fora da zona de guerra por soldados amazônicos?

-Confundiram vocês com soldados da casa dos Andes. - Respondeu rapidamente.

-Sério? – Disse em forma de ironia - Estávamos emitindo sinais em frequências Amazônicas e dos Andes, não tinha como sermos confundidos. Preciso que me responda rápido Major, seu tempo está acabando. Tic tac, tic tac Major.

-Nos pagaram bem, foi isso, o exército americano, mentimos sobre a fonte do ataque atômico, não foram os terroristas, foi o primeiro aviso de tempo deles para aceitar o acordo, Mumppe não queria que decifrárcemos a mensagem, precisávamos impedir você de encontrar o Victor, a mensagem não pode ser decifrada ou irá começar uma guerra nuclear. Não queríamos isso, São Paulo foi só um aviso, temos mísseis apontados na cabeça de nossas principais cidades e capitais dos condados e marcas.

-A mensagem já foi decifrada em alguma Casa, certo Major?

-Todas as principais, mas eles não arriscam fazer nada.

-Sabemos o conteúdo da mensagem? E o mais importante, Falcão sabia que era eu lá?

-Não, não sabemos, a mensagem está contida nos maiores cofres de todos. E não, falcão não sabia que era você, falamos para desligarem o rádio pois ficariam visíveis no radar inimigo, e fazer uma emboscada no próximo comboio que passasse.

-Como explicaram para ele depois?

-Que era o comboio errado, simples erro humano.

-Você tem sorte que isso não causou um conflito ainda maior.

-Então você não sabe sobre nosso presidente e a união?

-Que união?

-Nosso presidente tem feito reuniões com outros líderes maiores, ainda não sabemos sobre o conteúdo das reuniões, mas tudo aponta para uma retaliação contra a Casa Americana.

-Basta, tem uma faca ao lado do walkie-talkie, use-a para se soltar, vai ter um carro fora dos escombros, use-o para fugir, agora que eu sei o segredo, não conte o que acabou de acontecer para ninguém ou eu solto para a mídia.

-Você não tem provas- disse tentando alcançar a faca.

-O que te levou a pensar que não estou gravando isso?

Álvares desligou o walkie-talkie, já estava fora da zona de risco fazia um bom tempo, ficava pensando se o Major realmente iria sair com vida da situação. "Apenas mais uma marionete" pensou. Precisava saber como estava o Victor. Álvares estava dentro de um carro que havia encontrado abandonado, mas funcional. O estacionária a um quilometro do quartel e terminaria o trajeto a pé. E foi isso que fez, encontrando Victor decifrando a mensagem em seus aposentos.

-Onde estava? Álvares. – Perguntou Victor.

-Preciso que pare de decifrar a mensagem, amigo. – Respondeu Álvares.

-E há alguma razão específica?

-Há um conflito nuclear, Victor. E não sei se usarão apenas armamento nuclear e não coisas mais fortes, se é que você me entende. O quão perto está de decifrar Victor?

-Muito, eu descobri a chave para decifrar, o meu próprio professor a criou a muito tempo atrás.

-Minha recomendação oficial é que pare Victor, mas não é isso que eu quero, e nem você, estou errado?

-Não...

-Vou te dar tempo para fazer o que precisa fazer, e caso decifre, me avise, e a ninguém mais. Não queremos arranjar problemas, e aliás, eu nem deveria te entregar isso – Disse retirando algo do bolso. – Um pendrive caso ainda saiba usar um computador, ele te explicara muitas coisas. – Disse Álvares lhe entregando o pendrive contendo a “conversa” com o Major.

-Irei ver. – Disse voltando sua atenção a mensagem.

-Na realidade, Victor, me explique essa tal chave para decifrar a mensagem.

-A criptografia utiliza uma base em múltiplos altos de 21, pela casa de 10^{20} a 10^{21} , a chave usa um conceito que é uma variação do conceito conhecido como sequência pseudoaleatória dependendo do tempo absoluto, utilizando a posição relativa entre estrelas e planetas no céu no momento exato da criptografia, no caso, temos 8 planetas possíveis e chutando baixo 70 estrelas altamente conhecidas. Isso dá 78! possibilidades, é aí que entra os múltiplos de 21, eles funcionam como simplificação da fórmula, o resultado de quando colocamos todos os números um ao lado do outro na posição relativa de pelo menos 10 ou 20 indo até 75! combinações planetas-estrelas, planetas-planetas ou estrelas-estrelas será aproximada para o múltiplo de 21 mais próximo, o maior ponto seria descobrir a data e hora exatos de quando a mensagem foi enviada.

-Mas não seria mais fácil testar todos os múltiplos de 21?

-É aí que você se engana, você não tem como saber quantas posições relativas foram usadas ao mesmo tempo, ou seja, a variação do tamanho dos múltiplos é uma mudança exponencial, daria mais trabalho do que descobrir manualmente cada condição.

-E quais informações você já tem?

-Já descobri que foram utilizadas 45! combinações e quais são elas simplificada-mente em planeta e estrela, ainda não decifrei a posição relativa deles, nem a hora e data exata. Mas estou trabalhando nisso.

-E como você vai descobrir? -Perguntou Álvares, curioso.

-Provavelmente não será o próprio ano, dia, minuto ou segundo que a mensagem foi feita, terá um fator aleatório para dificultar.

-E qual esse fator? – Perguntou Álvares.

-Ainda terei de descobrir, mas me parece 21 anos, 21 dias, 21 horas 21 minutos e 21 segundos. Sempre 21.

-Te deixarei decifrar agora, Victor.

-Mas uma pergunta Álvares, você sabe a definição de Dia e Noite? – Perguntou Victor enquanto olhava Álvares raciocinar um pouco.

-Quando o sol está acima do horizonte, não, Victor? – Respondeu depois de pensar por poucos segundos.

-Era óbvio, obrigado, Álvares, e você sabe algo que generalize Tempo? – Perguntou. – Estive pensando nisso por muito tempo, mas não consigo saber quanto sem essa generalização.

-Tempo não seria a passagem entre o evento A e B?

-Então $T = A + B$ ou $T = \sum_A^B \text{Segundos}$?

-Provavelmente a somatória.

-Deveríamos adicionar o fator da relatividade nisso? Talvez, então ficaria

$$t' = \frac{\sum_A^B \text{Segundos}}{\left(1 - \frac{v^2}{c^2}\right)^{-1}} ?$$

-Suponho que sim Victor, é você quem sabe.

-Bom, então talvez eu saiba quanto tempo passei lá, obrigado novamente, Álvares. – Disse Victor.

Álvares deixou o aposento, não sabia de onde Victor havia tirado isso, mas parecia importante, pelo menos para ele. Estaria o Major vivo? Bom, talvez apenas o tempo diria, tempo. “Victor estava invadindo sua cabeça com essas bobagens” pensou.

Depois de caminhar um pouco até seus aposentos, finalmente poderia descansar, havia sido um longo dia. Já deveria ser algo próximo da meia noite, talvez. Agora era torcer para nenhum terrorista ou melhor, agentes da conspiração, tentar atacá-lo durante a noite novamente. Eles não tinham escolha.

Poucas horas se passaram, Álvares não conseguia pregar no sono. Agora já deveriam ser 3:30 da manhã. A cama era encostada no canto do quarto, a mesma janela de onde havia visto a explosão estava ao lado da cama, com cortinas fechadas. Bem afrente, estava a porta que levava ao corredor, agora vazio. Estava virado para o quarto, com os olhos fechados. Ouviu o som da sua porta abrindo levemente. Era a porta, o característico rangido havia lhe revelado isso. A porta se fechou, não seria possível que estivessem tentando matá-lo novamente. Havia dado sua mensagem ao Major. Ouviu alguns passos que se aproximavam levemente, quem estava andando parecia estar tentando fazer o mínimo de barulho possível. Álvares teria de esperar ele chegar o mais perto possível. Não sabia com o que estaria armado. Os passos se aproximavam cada vez mais enquanto Álvares continuava a fingir que estava dormindo, se quem estivesse ali fosse bem treinado conseguiu ver a tensão em seu pescoço, algo que não conseguiria esconder.

Os passos agora se encontravam ao lado da cama, Álvares então mexeu rapidamente seus pés para chamar a atenção de quem for que estivesse lá. Abriu seus olhos

rapidamente, não parecia ser ninguém que conhecesse. Quem estava ali caiu na armadilha e olhou para os pés de Álvares que já se encontravam em contado com o chão. O traidor então percebendo a armadilha se abaixa virando para trás fazendo a transição para uma pistola, deveria ser um calibre .17 ou .22, estava com um silenciador. Era obvio, silenciador. O traidor ainda estava abaixado, Álvares então se colocou do lado oposto ao oque o traidor, abaixado, estava virado. Ele se levanta e com a pistola afrente do Álvares tenta lhe acertar um tiro que errou pois Álvares havia empurrado o braço que segurava a pistola para o lado. Não deveria ser alguém qualquer. Álvares joelha a arma que caí no chão enquanto acerta um chute no rosto dele. Que rapidamente responde tentando lhe acertar um gancho direto vindo pelo lado. Álvares desvia abaixando e passando uma rasteira nele. Álvares então chuta a pistola para longe enquanto o levanta, para lhe acertar seu próprio gancho direto. O traidor rapidamente caí no chão, desacordado. Álvares então, cansado e lesionado, liga a luz do seu quarto. Major. Era o major com quem havia lutado. Por quê? Álvares havia dado o recado, a qualquer momento poderia soltar para a mídia o pendrive que estava... Estava com Victor.

Diante dessa revelação rapidamente correu por entre os corredores. Chegou ao aposento de Victor, a porta estava aberta. Victor dormia tranquilamente, mas as gavetas estavam abertas. Álvares chega ao lado de Victor e o acorda. Victor parecia assustado.

-Victor?

-Hum.

-Onde está o pendrive que eu te entreguei?

-Na gaveta.

-Qual delas?

-A primeira.

Álvares rapidamente abriu a primeira gaveta. Estava vazia. Droga. O major agora tinha o Pendrive, talvez ainda estivesse com ele. Sim. Talvez. Se despediu de Victor e rapidamente correu de volta ao aposento. O Major não estava mais lá. "Que droga!" Pensou Álvares com raiva. Provavelmente agora seria convidado a deixar seu posto. Eles tinham provas. Droga. Não, não. Álvares percebeu a fadiga em seus músculos, a adrenalina já havia acabado. Droga...

19 GUTH

20 Idris (II)

A noite estava caindo sobre o castelo de concreto de Dris. A maioria dos membros já havia chegado, Dominik parecia meio bêbado enquanto conversava com os criados. Idris entrou pela porta principal, em suas mãos levava uma pasta, seguido por um criado que levava as outras sete.

-Peguem suas pastas, senhores. Hoje debateremos um tema importante – Disse Dris, estudando os presentes com os olhos. -, retaliação.

O criado distribuiu as pastas e os convidados as abriram, Dominik parecia tentar se ajeitar.

-Por que não só lançamos misseis em direção as cidades importantes? – Disse Vladimir, impaciente. – Seria de maior agrado meu.

-É uma ideia a ser debatida, meu caro, temos misseis a disposição? Quais seria nossos alvos? Isso impediria o plano de Mumppe? Provavelmente não, por isso precisamos de mais estratégia e menos ideias impulsivas. – Rebateu Dris. – Alguém tem mais ideias?

-A prioridade é acabar com o plano dele, mesmo que isso envolva o matar. – Disse Dominik, tentando se manter em pé, mas sem perder seus traços.

-Como pretende fazer isso? – Questionou Dris, tomando em conta o estado embriagado dele. – Nossas tropas podem contra a deles?

-Minhas nem suas não, mas nossas sim, eles são 1 milhão, nós somos 6 milhões somados. – Disse Dominik. – Por isso conseguimos se treinarmos unicamente. Faremos

um bloqueio continental com navios em toda a costa, equipados com defesas Mar-Ar, contratorpedeiros, torpedos para submarinos, mísseis Mar-Mar e a cada 20 navios 1 será um porta avião, com caças equipados com mísseis Ar-Ar, Ar-Mar e Ar-Terra. Nossas tropas invadirão pelas províncias de Canada e Mexico. Primeiro entraremos pelo Canada, entre Maine e Michigan. Dias depois, expulsaremos Mumppe da casa branca e de Whashington, que será forçado a fugir, ele não passará pelo bloqueio porque seria morto, por isso fugirá cada vez mais para o interior da Casa América. Enquanto isso, tropas invadirão pelo Mexico, no deserto, que se dividirão e subirão pela Califórnia e seguirão na fronteira fechando o país. Conforme os dias passam, o cerco vai fechando e dominando as cidades, até chegarmos no centro, onde Mumppe estará e podemos matá-lo.

-É uma ideia interessante, Dominik, mas e quanto a nossos países que ficarão sem soldados para protegê-los, poderemos ser atacados. – Falou Vladimir.

-6 milhões contra 1 milhão é um pouco exagerado, podemos ir para a guerra com 2 milhões e permanecer com 4 milhões em terra. – Justificou Dominik. – Eu e meus melhores estrategistas pensamos nessa ideia.

-Quanto tempo até a retaliação? – Perguntou Moura, impaciente.

-Isso depende de nós, podemos mandar uma retaliação imediata como mísseis Terra-Terra em alguns alvos, mas só de treinamento, unificação e preparação daria um ano. Mas uns 3 a 4 anos de fechamento do cerco. 5 anos no total. – Disse Dominik.

-Por que não começamos agora mesmo? – Questionou Moura.

-Precisamos de votação. – Disse Dris. – Novamente eu dou 10 minutos para cada um de vocês discutirem com seus aliados presentes.

Os 10 minutos se passaram enquanto eles conversavam entre si, e ao final deles Dris disse:

-Senhores, o tempo acabou, quem apoia a ideia? – Perguntou Dris. – Votação.

-A Casa Amazônica declina a ideia de Dominik. – Disse Moura. – Precisamos de algo que leve menos tempo e cause menos baixas.

-A Casa Russa aprova a ideia da casa Europeia. – Falou Vladimir. – Qualquer coisa seria melhor do que o plano de Mumppe, e quanto as baixas, fazemos um memorial depois e todos esquecem em menos de um século.

-A Casa Saariana aprova a ideia de Dominik. – Disse Zahir. – Concordo com Vladimir quanto ao resto.

21 Victor ()

“Droga” Pensava Álvares no chão da base.

22 Álvares.

A janela do avião mostrava uma pequena parte da Europa que um dia tinha sido seu lar, passava agora sobrevoando a fronteira da Alemanha para enfim reencontrar sua esposa que faria aniversário daqui dois dias, e seu filho que não o vira a muito tempo, talvez desde que tinha três anos e no caso agora tem sete.

Álvares estava animado para rever sua família, tinha ido para o treinamento do exército ibérico e nunca mais tinha conseguido voltar para reencontrá-los.

-Chegaremos à Munique em uma hora senhores e senhoras. - O copiloto falara.

Estava a uma hora e meia de rever sua esposa e seu filho, pois eles moravam a meia hora do aeroporto de Munique-Franz Josef Strauss, pelo que se lembrava. Moravam em uma casa no campo não tão longe da cidade, mas longe o bastante para ficarem tranquilos e por um pequeno tempo, longe dos problemas do mundo. Na época em que eles compraram a aquela casa, a crise econômica estava quase acabando e a casa América estava se fechando para o mundo.

Um momento depois o almoço de alvares havia chegado, a comida estava uma delícia, e a sobremesa também que era Apfelstrudell, um strudel de maçã muito conhecido na Alemanha. Álvares estava em uma posição espetacular com um conforto de uma sala vip do avião, talvez porque estava mesmo na sala vip.

Olhou novamente para a janela, e agora o sol estava brilhando mais do que se lembrava, olhou para seu relógio e estava marcando duas da tarde, achou estranho pois se aquele lado fosse o leste, o relógio devia estar marcando quatro ou cinco da tarde e não duas da tarde. Procurou sua bússola e viu que aquele lado era mesmo leste... ficou assustado. "Se aquilo não é o sol então o que?" quando estavam sobrevoando o solo de Munique, prestou um pouco mais de atenção, e a coisa começou a cair, estava caindo muito rápido.

Passageiros do avião começaram a gritar.

Álvares ficou apavorado, uma bomba estava caindo, bem em Munique e sua família estava... Um feixe de luz se sobressaltou em todo o avião, Álvares quase ficou cego pelo tanto de luz que foi em direção a seus olhos. Esfregou os olhos, mas quando viu já era tarde, Munique estava em chamas.

O tempo passava bem rápido no avião, pessoas choravam, se desesperavam, gritavam de tristeza, e provavelmente se lembravam dos entes queridos que acabaram de perder. Tiveram que mudar a rota para um aeroporto de Augsburg, que a essa hora não estava longe.

Álvares estava abismado, não existia uma dor maior do que a que ele estava sentindo agora e talvez nunca sentiria de novo. A porta do avião se abriu logo depois que o avião pousou, e por ela saíram todos do avião.

Um taxi parou no estacionamento, logo Álvares entrou e pediu que o motorista dirigir Fuggere, um bairro em Augsburg onde os pais de sua esposa moram. Álvares não queria deixá-los sozinhos, em luto pela filha, gostaria de tê-los por perto.

Depois de uns quarenta minutos, o carro parou na frente do portão da casa dos sogros. Álvares pagou o taxista que logo foi embora, e em seguida tocou a campainha.

Apêndices

Linha do tempo:

A Crise Econômica:

“Senhor” dizia alguém que entrava pela porta. “Senhor Arthur” Continuava dizendo. Estava na porta da sala 1601 do Ministério Nacional da Economia dos Estados Unidos Da América.

-Diga. – Disse Arthur, sem desviar o olhar de um gráfico que era representado em seu monitor.

-O presidente do ministério está te chamando – Disse. Não era a primeira vez que o presidente o chamava. Mas não o chamava desde quando havia saído de seu círculo próximo. Isso tinha sido quando? Abril? Talvez.

-Irei comparecer.

Continuava olhando para o monitor. Arthur ajustou os óculos em seu rosto com cuidado e subiu sua cabeça. A pessoa já havia sumido de sua porta. Se levantou. Talvez ainda soubesse o caminho até a sala do presidente. Talvez.

Ele caminhava por entre as portas do ministério calmamente. Viraria à esquerda andaria até a próxima encruzilhada e então viraria à direita. Deveria dar no elevador. Último andar, a maior sala, seria a sala do presidente.

Continuou andando, virou à esquerda depois a direita, e lá estava, o elevador. Apertou o botão que dizia 21, esse seria o último andar antes do terraço, 21. Esperou por alguns segundos até o elevador parar, não era uma distância muito grande, 6 andares, antes seriam... 2? Talvez fosse. Ah sim, sala 1984, 19ª andar, sala de número 84. Saiu e começou a andar procurando a maior sala.

Essa tinha o tamanho normal. Esta também. Aquela é maior. Andou até ela. Na porta ele reconheceu a placa: Sala Presidencial. Costumava andar até ela

todo dia para as reuniões semanais que sempre aconteciam de segundas e quintas. Bateu na porta. Ah sim, como era boa a sensação.

-Entre! – Gritou alguém de dentro, era o presidente. Andou colocou sua mão na maçaneta e abriu.

-Mumppe! Como é bom te ver novamente. – Dizia. Era Adnold Mumppe, Ministro da Economia.

-Bom, te chamei aqui hoje porque preciso de sua ajuda com algo, você sabe? Sempre foi meu melhor analista. -Dizia Mumppe.

-Claro que fui. – Disse sendo tomado pelo orgulho manipulador.

-Venha aqui, venha ver esse gráfico – Arthur se aproximou, de Mumppe que clicou em alguns ícones em seu computador mostrando o gráfico na televisão.

-Caramba Mumppe... Esses gráficos são de onde? – Disse, agora preocupado.

-São escalas geoeconômicas atuais. Oque você acha?

-Isso está caminhando para um colapso Mumppe, muito em breve.

-Claro que está, por isso te chamei, como você acha que podemos resolver isso? – Perguntou já sabendo as respostas.

-Bom, Mumppe, isto está bem grave, precisamos de mudanças radicais nas moedas em circulação. – Disse, Mumppe deu um sorriso suave.

-Obvio que precisamos, quais mudanças você sugere?

-Bom, precisamos reduzir a quantidade de moedas em circulação. – Disse Arthur, Mumppe abriu um sorriso largo.

-Como fazer isso acontecer? – Perguntou Mumppe.

-Precisamos de algum jeito de validar moedas, como: Esta pode, esta não pode.

-Ótimo, oque acha de algo como uma escala? Se a moeda valer mais que ela pode entrar em circulação, caso não, poderá apenas ser usada nacionalmente.

-A ideia seria ótima.

-Vou ligar ao presidente – Olhou para Arthur – Você realmente me ajudou, obrigado Arthur.

Cúpula de Lisboa:

- Atenção! – Alguém dizia, do alto da cúpula. – Atenção a todos! – Era o Presidente da Cúpula. – Daremos início a cúpula dentre instantes.

Algum tempo se passou, Mumppe ocupava o lugar de número 21 da cúpula, ao lado do presidente atual dos Estados Unidos Da América, Franklin Greaves. A cúpula estava sediada em um lugar com o pé direito alto e continha todos os presidentes, desde as maiores potências até pequenas ilhas. Ninguém ficou de fora, havia alguns deputados, ministros (principalmente os da economia) e presidentes das supremas cortes. O Presidente da cúpula começou:

-Estamos todos reunidos aqui hoje porque temos um problema em comum – Começou – Estamos todos a beira de um colapso econômico global. A crise econômica foi descoberta graças ao Ministério da Economia dos Estados Unidos. Por conta deste fato, dirijo a palavra ao seu ministro, Sr. Adnold Mumppe - Disse ainda de pé, Mumppe se levantou.

– Primeiramente preciso agradecer ao meu consultor, Sr. Arthur, que consultou as escalas e me aconselhou sobre os caminhos a serem tomados com a crise mesmo antes que começasse – dizia Mumppe. – Acho que depois de todos os analistas de economia que viram mais gráficos e chegam a uma mesma conclusão: Precisamos reduzir a quantidade de moedas em circulação. Isto é um fato, a quantidade de moedas valorizadas os últimos anos tem crescido exponencialmente por conta da emersão de novas potencias – continuou. – Por isso lhes apresento uma escala econômica, dada pelo valor da média todas as moedas globais. Só poderão ser utilizadas globalmente as moedas que tenham valor superior que a escala. Se chamará Escala Absoluta – dizia Mumppe sabendo que a ideia já estava ganha, pois estava sendo planejada há anos.

– A ideia proposta pelo ministro da economia dos Estados Unidos da América precisa ser votada pela maioria dos estados – declarou o orador.

Se ouviu conversas por todo o salão visando validar a ideia. Isso se seguiu por alguns minutos, o então Presidente da Cúpula declarou que o tempo havia se esgotado. Momentos depois, todas as mãos do salão estavam levantadas a favor da ideia.

– Por unanimidade da cúpula, declaro estabelecida hoje a existência da Escala Absoluta, dado pela média global de todas as moedas em circulação – dizia o Presidente da Cúpula. – Alguma consideração final da cúpula? – Nada se ouviu após isso. No rosto de Mumppe, apenas se via a satisfação por um plano de anos estar concluído.

Novos Líderes Mundiais:

“Arthur!” Dizia alguém a sua frente. “Arthur! Acorda.” Continuava. Estava em uma sala de reuniões, Adnold Mumppe a sua frente falava. Arthur em um devaneio pensava no último gráfico que havia visto.

-Sim! Sim! – Disse Arthur – Claro Senhor Presidente.

-Então Arthur, agora que eu ganhei a eleição à presidência da República, como eu ia dizendo, precisarei de um ministro da economia para meu mandato – Disse a palavra mandato com uma entonação estranha, não conseguia reconhecer qual era a intenção por trás.

-Claro Mumppe.

-Bom Arthur, você é meu ministro da economia.

-Mumppe! Eu não sei nem como te agradecer.

-É mais que justo Arthur, você me ajudou a prever a crise e consequentemente, me ajudou a chegar aonde eu estou – Disse a palavra crise com a mesma entonação que pronunciou a palavra mandato.

-Você agora ocupa minha antiga sala, já mandei levarem as suas coisas, sabia que não tinha como recusar minha proposta, não é mesmo? -Dizia Mumppe

-Claro Sr. Presidente. – Arthur sorriu, era automático, não podia evitar.

-E uma consideração final Arthur, preciso que leve minhas ordens muito a sério, por isso escrevi esse contrato para oficializar as coisas, nada demais Arthur, coisas jurídicas, apenas isso.

-Mesmo que seja apenas isso Mumppe, ainda me sinto na necessidade de lê-lo.

-Claro que sim Arthur, está aqui mesmo, me deixa só pegar. – Disse abrindo a gaveta de sua escrivaninha e tirando um conjunto de folhas de papel unidas por um clip.

“Contrato de Compromisso Nacional de Estabilidade Econômica e Segurança de Estado:

1- *Preâmbulo:*

Este contrato tem por finalidade formalizar o vínculo de cooperação entre o Ministério da Economia dos Estados Unidos da América e o cidadão Arthur M. Hartnell, nomeado Ministro da Economia em 2034, no contexto da Nova Política de Recuperação Nacional, aprovada na Cúpula de Lisboa.

2- *Cláusulas-Chave:*

Cláusula 1:

O signatário compromete-se a atuar única e exclusivamente em favor da estabilidade econômica nacional, respeitando as diretrizes do Presidente da República e suas determinações futuras, mesmo que estas se sobreponham a legislações anteriores.

Cláusula 2:

O signatário reconhece que qualquer dado, gráfico, projeção ou iniciativa econômica a que tiver acesso será automaticamente classificado como confidencial, sendo estritamente proibida sua divulgação a terceiros, incluindo outros órgãos do governo, sob pena de crime de Estado.

Cláusula 3:

O signatário autoriza previamente a realização de medidas preventivas de segurança e vigilância, tais como rastreamento, escuta e avaliação psicológica periódica, a fim de garantir sua plena capacidade para o exercício do cargo.

Cláusula 4:

O signatário reconhece que, em caso de conflito entre sua opinião pessoal e os decretos do Chefe do Executivo, sua responsabilidade é aplicar fielmente os decretos, independentemente de julgamento próprio.

Cláusula 5:

A quebra de qualquer cláusula aqui definida implica em julgamento especial por tribunal de exceção, podendo acarretar em penas de exílio, cassação de direitos civis ou execução sumária, de acordo com o Protocolo de Emergência Nacional nº 13/2033. "

-Isso é realmente necessário Mumppe? – Perguntou Arthur logo após terminar de ler.

-É sim Arthur.

-Mas isso não é muito extremo?

-Os outros ministros já assinaram.

-Se é assim, considere feito. – Falou isso já pegando a caneta para assinar, continuando cego.

Blocos Econômicos:

Excerto de: Contos da Revolução: A História Das Casas Nobres:

As casas nobres se formaram por volta de 2035, logo após a criação e formalização da Escala Absoluta durante a cúpula de Lisboa por unanimidade de estados em 2033.

A Escala Absoluta foi criada para lidar com uma crise econômica anos antes dela realmente acontecer, prevista pelo consultor do ditador Adnold Mumppe no ano de 2032 sendo que a crise estava prevista para 2044.

A prevista grande crise precisava acabar, isso era um fato, mas só havia um único jeito, e seria diminuir a quantidade de moedas das novas potências emergentes em circulação no mercado global. A Escala Absoluta era dada pela média dos valores de todas as moedas em circulação nacional e internacional. As moedas que valessem mais que ela poderiam circular globalmente, e as que não, só poderiam ser usadas nacionalmente.

Por conta dessas limitações nas moedas emergentes, países começaram a se juntar em blocos econômicos que visavam compartilhar moedas para ajudar a todos os membros. Isso por volta de 2035.

Com o tempo, esses blocos foram se consolidando na geopolítica global como apenas uma entidade geopolítica. Mas havia um problema com isso, ainda havia muitos líderes governando apenas uma entidade geopolítica. E isso não iria dar certo. Por isso foi criada, como ficou conhecida a Segunda Cúpula de Lisboa que é considerada, por muitos, o início formal das Casas Nobres.

Durante a segunda cúpula, foi discutido como resolver esse problema político, então resolveram dividir o território do estado único nas posições que antes eram os países governados pelos líderes antigos na forma política escolhida

(como ficou conhecida, Marcas e Condados), e haveria um soberano único que governaria de forma democrática os Condados e escutariam os Marqueses e Condes.

As Casas seriam divididas entre maiores e menores que eram dados pelo valor na escala absoluta da moeda da Casa, as que tinham as moedas mais valiosas eram as casas Maiores, as que tinham a moeda valendo menos, seriam as Menores.

No final da cúpula, os novos Marqueses e Condes se juntaram para escolher entre si o soberano único, menos na posição da nova Casa Maior Americana, onde Adnold Mumppe não havia se juntado com nenhum outro país. Por conta disso, a Casa América não tinha Marqueses e condes, apenas um único soberano.

Hodj Daff

Muitos ainda se lembram de Hodj Daff, antes um símbolo de força e resiliência, hoje um motivo de deboche.

Rodrigues olhava pela janela de sua primeira missão como segundo tenente e via Hodj Daff, uma instalação militar que se localizava na Espanha. Era sua primeira vez lá, assim como muitos de sua brigada. A instalação parecia formar um octógono com cercas e no interior um prédio em formato de quadrado estava no centro com muitos iguais, cada vez menores em volta até atingir a beirada da cerca de Hodj Daff. Um pouco afastado, cerca de 2 quilômetros havia uma pista de pouso que seria onde Rodrigues pousaria. Isso tudo antes de Hodj Daff perder o prestígio que tinha como instalação militar antes do grande golpe.

Já com o avião em solo, foi escoltado até as instalações onde conheceu seu capitão durante a missão, não revelou seu nome, ele apenas sabia que ele era o 3º capitão em ordem de ranking de Hodj Daff. Foi chamado a sua sala, foi assim que o conheceu.

Sua sala, que ficava na segunda camada, logo depois do grande prédio em formato de quadrado. Era um lugar agradável, tudo tinha seu devido lugar, no canto traseiro tinha uma mesa em formato de L onde havia seus pertences mais pessoais como seu computador, mas para o lado havia uma pequena impressora que se localizava abaixo de uma estante onde guardava troféus. Rodrigues foi até ele e o questionou sobre Hodj Daff já que era sua primeira vez lá.

-Parece que está a muito tempo aqui senhor. -Disse Rodrigues. – Por acaso poderia me contar um pouco de sua história?

-Se concluirmos a missão com certeza. – Disse o terceiro capitão.

Rodrigues confirmou com a cabeça e pediu para repassar a missão pois tinha sido uma longa viagem. O terceiro capitão explicou que haveriam de dar um aviso a base vizinha, com quem sempre tiveram conflitos, Hodj Sert, que não era militar, e sim uma espécie de máfia, com uma tentativa de invasão. O capitão então falou para se preparar e avisar isso a seus homens, pois partiriam amanhã as 3:30.

No próximo dia, seu comboio partiu deixando Hodj Daff para trás enquanto atravessavam a estrada. Hodj Seff, ainda localizada nas montanhas Hodj aparecera. O capitão mandu pararem e pegarem as lança foguetes RPG oque fizeram. Com as armas na mão, o capitão fez uma contagem e mandou todos atirarem fazendo assim, explodirem a cerca de Hodj Seff. Seria essa a missão, se não fossem também invadir. Rodrigues foi na frente avançando pela cerca, agora destruída, a ideia seria não matar ninguém, pois era um aviso, deveriam apenas atirar nas pernas e braços. Que foi o que Rodrigues fez. Assim que o capitão mandou, recuaram pelo mesmo lugar de onde entraram e voltaram aos carros. Que partiram em direção a Hodj Daff novamente.

Se aproximaram de Hodj Daff, foi aí quando Rodrigues questionou sobre a história do lugar porque o Capitão havia falado que diria. O capitão então começou falando que as montanhas Hodj sempre foram um lugar estratégico por se localizar a norte das principais facções de crime organizado e a sul das grandes metrópoles de fornecimento de armamentos. Aí, resolveram construir Hodj Daff como ponto estratégico.

Anos depois disso, quando Rodrigues já havia se consolidado Capitão, Hodj Daff sofreu com uma queda em posições estratégicas pois já haviam eliminado Hodj Seff e Hodj Redd, foi quando Hodj Daff saiu de ser uma das maiores bases militares para posto de recondicionamento de soldados. Apartir daí, todos que dissessem que vieram de Hodj Daff não eram mais levados a sério por ninguém. Pois significava que o soldado já havia perdido credibilidade anteriormente e passado por um recondicionamento.

Casa Maior Nórdica.

Excerto de: Casa Maior Nórdica, Um Pequeno Conto:

Emil Halvorsen estava em sua sala observando dados de imigração a Casa Nórdica, o lugar estava bem iluminado pela luz do sol que entrava pela janela de tamanho médio. Logo afrente da janela se localizava uma mesa onde Halvorsen se sentava.

Havia algo de errado com os dados, o haviam enviado por conta disso. Os dados mostravam a taxa de migração vinda da Casa Maior Russa e Balcânica que são refugiados da guerra contra a Casa Maior Oriental. As taxas estavam baixas demais se comparadas ao mês passado, considerando que a guerra havia só aumentado desde lá.

Estaria prestes a entrar em uma espiral que não conseguia evitar, toda vez que começara a investigar algo sempre acontecia isso. Já havia aceitado o desafio, se espreguiçou na cadeira e apoiou suas mãos em seu teclado.

Não era sobre dados, nunca havia sido sobre dados, era sobre a sensação, a sensação de ver os números não baterem, a sensação de ir cada vez mais fundo em uma investigação. Emil amava isso, já quase podia dizer que era dependente dela.

Abriu o site governamental, sempre abria, era por onde sempre começava. Pesquisou os dados pela data, batiam com os dados que tinha. Ficou pensativo por alguns segundos, pensou que deveria olhar os dados sendo a fonte a Casa Russa e Balcânica. Não tinha a autorização para isso, maldita burocracia chata. Não, deveria conhecer alguém que tem. Pensou em todos que conhecia por alguns momentos. Ah sim, conhecia alguém. Abriu rapidamente seu e-mail e na

mesma velocidade pediu para ele checar. Agora seria apenas esperar. Odiava isso.

Alguns tempos se passaram enquanto esperava, Emil passou o tempo cruzando alguns dados que havia recebido com os da Casa Nórdica. Realmente trabalhava para a Casa Nórdica, mas parecia que pegar os dados de lá eram o equivalente a pegar dados de uma cidade longínqua o suficiente para não ser sua fonte principal, não confiava em seus dados. Quando finalmente recebeu o e-mail com os dados já estava com um documento com 30 páginas de dados cruzados. Rapidamente abriu o e-mail e olhou-os. A quantidade de migrantes que saíam de lá considerando a porcentagem média que entrava na Casa Nórdica foi menor que o esperado.

Havia só duas possibilidades, ou a porcentagem diminuiu por algum motivo, ou os dados são forjados por algum motivo ainda mais obscuro. A Casa Maior Nórdica era conhecida por ser um paraíso com suas condições de vida excelentes para nativos e imigrantes. Então a primeira opção estava fora de questão, todos gostariam de estar ali. Só resta a segunda, essa o assustava.

Por que um país forjaria seus dados bons? Bom, os dados de imigrações dos outros países continuavam certos. Talvez algum estagiário tenha digitado errado. Mas isso não explicaria por que passou por uma revisão antes de ser publicado e ninguém disse nada. Uma possibilidade surgiu em sua mente, talvez a Casa Nórdica tenha feito acordos com a Casa Oriental assim forjando os dados. Mas a Casa Nórdica era uma casa neutra, não forjaria os dados, não. Tinha acesso aos dados de acordos, principalmente ainda mais aos de necessidades da Casa. Resolveu olhar, apenas para ter certeza.

Abrindo suas fontes no computador procurou por notícias da mídia de faltas de algum elemento que, por algum acaso a Casa Oriental teria para vender. E realmente, havia uma falta de recursos, mas não os que esperava, havia uma baixa nos empregos de programadores, cientistas e engenheiros que a Casa Nórdica tanto dava prestígio, mas que, nas últimas semanas desaparecera. Realmente a Casa Oriental poderia emprestar esses profissionais por um preço, e o preço poderia ser eliminado dos dados a imigração de seus inimigos Russos e Balcânicos. Isso explicaria o porquê a Casa Nórdica forjou seus dados.

Voltou a escrever e cruzar dados, tudo realmente apontava para isso, seu relatório agora já passava das 70 páginas e estava completo. Antes de enviá-lo como sempre faz, fez uma cópia e a publicou em seu próprio repositório para casos mais extremos e finalmente enviou ele a seus superiores. Por semanas não houve uma resposta formal até que Emil simplesmente recebeu uma promoção

salarial e de cargo e seu relatório foi publicado a população, também ouviu que um político responsável por tratados internacionais havia sido detido e preso, nada mais além disso.

Ciência:

A equação fictícia usada pelo Victor representa uma relação entre a clássica fórmula de Einstein $E=mc^2$ com a raiz quadrada de pressão(P) mais temperatura(T), formando $E = (P + T)^{\frac{1}{2}} \cdot (\Delta m \cdot c^2)$, ou seja, conforme maior a temperatura, pressão e massa na hora da detonação maior a energia liberada na explosão. Isso explica o medo de [Nome do Personagem] pois se usada no núcleo de uma explosão nuclear onde a pressão e temperatura são extremamente altas a energia liberada seria muito mais alta do que a explosão nuclear original

Mapas, Geografia e Geopolítica:

Todas as casas:

EUROPA

1. **Casa maior Europeia:** Polônia, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Áustria, Alemanha, Reino Unido e Irlanda.
2. **Casa menor Ibérica:** Portugal e Espanha
3. **Casa maior Nórdica:** Noruega, Suécia, Finlândia, Estônia e Dinamarca.
4. **Casa maior Russa:** Rússia, Geórgia, Azerbaijão, Armênia.
5. **Casa maior Mediterrânea:** Itália, Grécia, Turquia, Albânia, Bósnia, Croácia, Eslovênia e Chipre.
6. **Casa menor Balcânica:** Ucrânia, Estônia, Letônia, Lituânia, Belarus, Moldávia, Romênia, Bulgária, Sérvia, Macedônia, Hungria, Eslováquia, Rep. Tcheca.

ÁSIA

7. **Casa menor Índica:** Índia, Paquistão, Nepal, Butão, Bangladesh, Myanmar, Sri Lanka, Maldivas.
8. **Casa maior do Oriente Médio:** Arábia Saudita, Iêmen, Omã, Emirados Árabes Unidos, Catar, Kuwait, Iraque, Líbia, Afeganistão, Síria, Sudâmina e Israel.
9. **Casa maior Oriental:** China, Mongólia, Coreia, Taiwan, Japão.

ÁFRICA

10. **Casa maior Saara:** Toda a África Setentrional + Egito.
11. **Casa maior Africana:** Sul da África ao partir do Setentrional.

AMÉRICA DO SUL

- 12. **Casa maior Amazonia:** Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Colômbia, Venezuela (sem divisão) e as Guianas.
 - 13. **Casa menor Andes:** Chile, Bolívia, Peru, Equador.
-

AMÉRICA CENTRAL

- 14. **Casa menor Antilhas:** Toda a América Central
-

AMÉRICA DO NORTE

- 15. **Casa maior Atlântica:** Canadá e México
 - 16. **Casa maior Americana:** EUA
-

OCEANIA

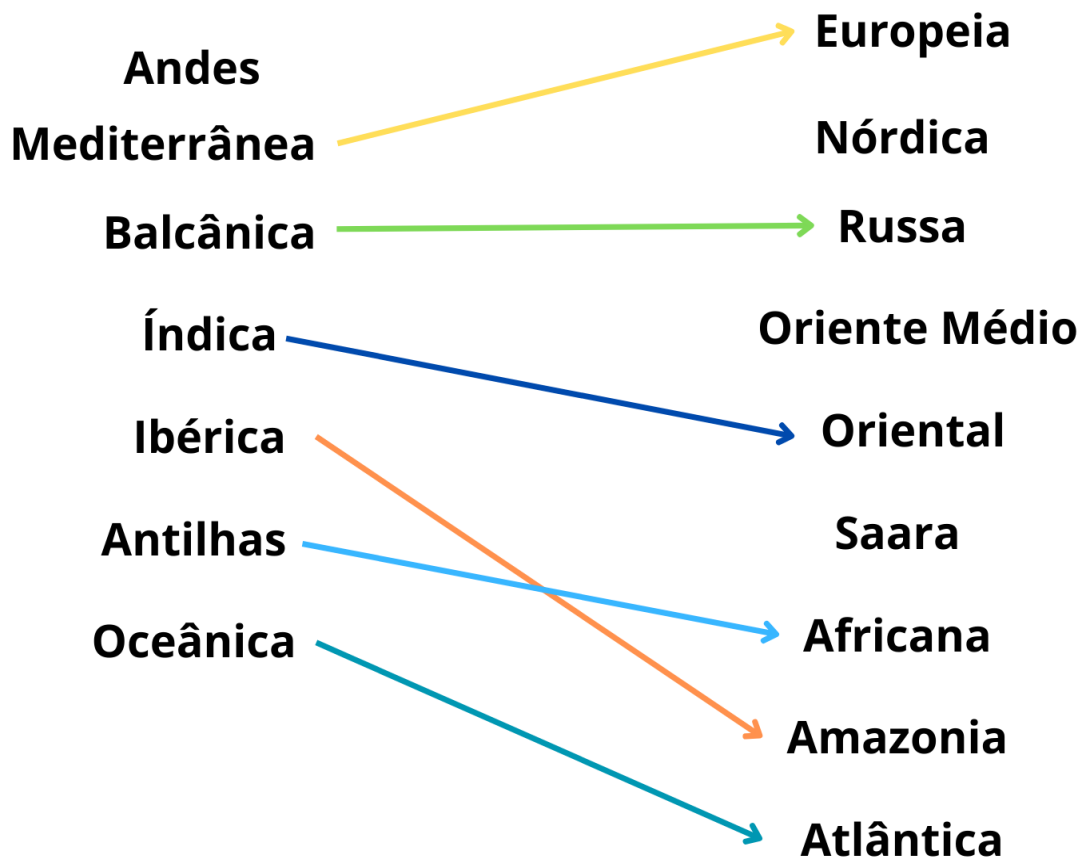
- 17. **Casa menor Oceânica:** Toda a Oceania



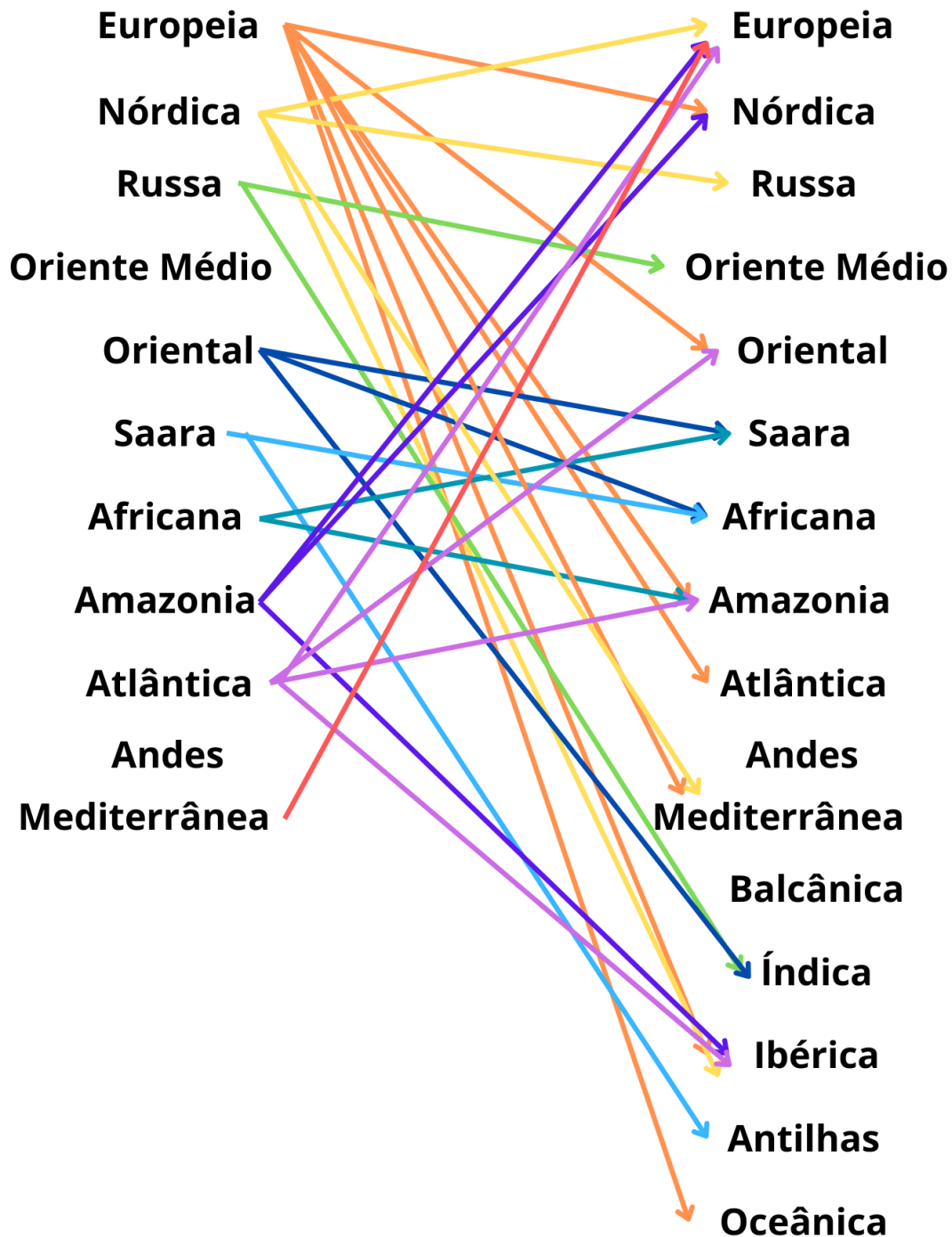
Mapa Esquemático: Casas Vassalas

Menores

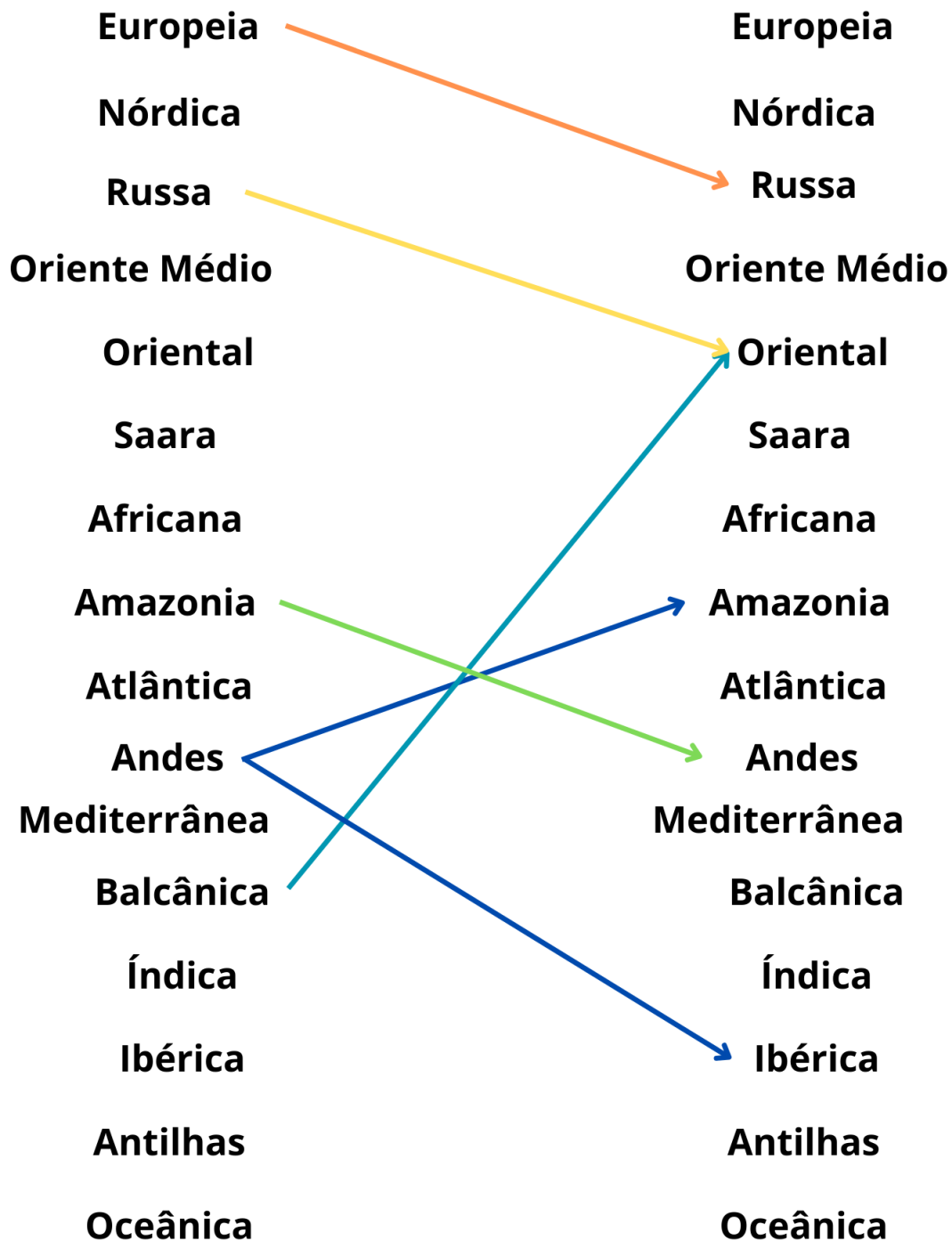
Maiores



Mapa Esquemático: Relações de Amizade:



Mapa Esquemático: Relações Inimigas



Notas Sobre a Capa.

A capa foi feita durante uma quinta-feira comum, talvez nem tanto. Eu havia ido a casa do meu amigo, Rafael armado com uma airsoft. Saindo da escola, depois de uma aula de português, desta vez comum, pegamos carona com uma amiga nossa. Ela nos deixou em um ponto de encontro e foi onde encontrei o pai de Rafael que nos buscou de taxi. Eu já perdi as contas de quantas vezes já fui à casa dele, mas essa foi uma vez especial, tanto porque fizemos a capa (que nós só tivemos a ideia apenas 2 dias antes!).

O almoço foi ótimo, tinha o gosto da casa dele (não literalmente). Quando terminamos, fomos direto averiguar as airsofts e preparar o ambiente. Passamos algum tempo nisso até pegarmos a máquina de fumaça, eu nunca havia usado uma, mas sempre tem uma primeira vez.

Nos vestimos, não tínhamos roupa o suficiente para nós dois, por isso tiramos 11 fotos para cada um de cada vez, ou seja, quem estava vestido ficava em um dos lados da mesa, posava e tirava a foto. Depois juntamos usando Photoshop, fazendo os cálculos (11 x 11), poderíamos juntar as fotos em 121 possibilidades diferentes. Mas acabamos fazendo apenas duas, um meio de teste e outra que ficou o resultado final.

Agora alguns dados técnicos. Sobre a mesa:

1. Um jogo de War que será explicado posteriormente.
2. Uma lousa branca, que foi desenhada na edição depois.
3. Um microscópio para representar Victor.

Sobre o jogo War:

1. As peças Azuis representam o grupo do Álvares invadindo pelo Norte.
2. As peças Amarelas representam o grupo do Victor invadindo pelo Sudoeste.
3. As peças Brancas representam o bloqueio continental.
4. As peças Verdes representam soldados sul-americanos.
5. As peças Pretas representam os soldados Asiáticos.
6. As peças Vermelhas representam os soldados Africanos e o ponto de treinamento do Victor.

Sobre o Armamento:

1. As airsofts foram emprestadas por colegas e quero deixar meu agradecimento a eles.
2. O colete que foi usado era um colete de equitação protetor de coluna.
3. Os capacetes eram capacetes de bicicleta arranjados na edição.
4. A balaclava era um cachecol.